

NOVAS DA GALI

— I PERIÓDICO GALEGO DE INFORMACIÓN CRÍTICA I —



"Se fazemos a nossa vida em galego, porque nom havíamos de fazer a nossa música em galego?"

Martin Wu, vocalista de The Homens

PÁGINA 17



O centro de Vigo foi o cenário de enfrontamentos entre policía e obreiros

Paralisa-se o metal enquanto sindicatos espanhóis assinavam nova reforma laboral

A greve do metal recupera o protagonismo da mobilizaçom operária

Vigo nom lembrava tal cousa desde meados da década de 90, quando o sector do metal parara 23 días a favor de condiçõs de trabalho dignas. Em sete días de actividade frenética, perto de 20.000 trabalhadores tornavam-se protagonistas de um conflito que passou por todas as manifestaçõs possíveis: assembleias multitudinárias, mobilizaçõs de rua, negociaçõs com o patronato, sabotagens e confrontos com as unidades de intervençom da policía espanhola. Como culminaçom, um acordo tremendamente discutido. E como pano de fundo, umha nova reforma laboral recebida socialmente com o silêncio mais estrepitoso.

A sucessom sangrenta de acidentes nos postos de trabalho subira progressivamente a temperatura no sector. As taxas de precariedade, à beira de 70% entre umha classe trabalhadora mormente jovem,

merecerom a atençom dos sindicatos. A unanimidade com que o metal da provincia de Ponte Vedra decidiu ir à greve numha assembleia prévia ao primeiro de Maio antecipou em certa medida o que se avizinhava. Voltou a ganhar vigência o velho dito viguês: 'quando para o metal, trema a cidade', ainda que agora seja no contexto da extensom absoluta da precariedade e o individualismo nas relaçõs laborais.

As três centrais maioritárias, CIG, CCOO e UGT, exigírom inicialmente a reduçom das taxas de temporalidade a 25% e um aumento salarial sobre o IPC real. As assembleias, realizadas diariamente, conseguírom a implicaçom de trabalhadores da naval e do sector automobilístico, com importante presença de oficiais que solidariamente aderírom às reivindicaçõs dos precários. / Pág. 14

A liberdade de imprensa pola qual mata Ocidente

Repórteres Sem Fronteiras cumpre o papel de vigilante dos interesses dos EUA e o sistema capitalista na âmbito da comunicaçom / 15



Interesses das imobiliárias primam sobre os da populaçom e o ambiente nas decisõs urbanísticas de muitas câmaras

Urbanizaçom maciça pode converter a costa em couto privado para o turismo de luxo

CÁMARAS MUNICIPAIS E IMOBILIÁRIAS DEFENDEM URBANISMO IRRACIONAL

Boa parte do território galego está a ser submetido desde há anos a umha pressom urbanística sem precedentes no Estado espanhol, nomeadamente nas zonas mais próximas do litoral. Importantes empresas imobiliárias espanholas e galegas comprárom grandes quantidades de terreno com o fim de tirar suculentos benefícios das requalificaçõs maciças que contemplan a maior parte dos planeamentos municipais. As câmaras municipais veem nestas operaçõs umha maneira muito efi-

caz de sanarem as suas depauperadas economias. A Galiza corre sério risco de converter-se numha grande cidade para o lazer de luxo. Meios de comunicaçom e sociedade já falam de 'marbelhizaçom' ou 'mediterraneizaçom' para se referirem a este fenómeno.

O profundo processo de mudançom que está a viver o nosso país vai determinar e conformar o seu desenvolvimento futuro a meio e longo prazo. Os dados mostram que nos vindouros anos, coincidindo com a aprovaçom dos

perto de setenta Planos Gerais de Ordenamento Municipal que tramitam as câmaras municipais costeiras, o País vai ampliar as suas dotaçõs residenciais numhas 600.000 unidades, 35.000 das quais seriam moradias e apartamentos. Este número de habitaçõs é superior ao de zonas como a Costa do Sol, paradigma mundial do 'boom' imobiliário derivado do turismo selvagem e da corrupçom institucional associada, e representa 75% mais das existentes nos municípios galegos. / Pág. 10

E AINDA...



GOVERNO MUNICIPAL de Ourense, dirigido polo PP, fecha o centro social da Esmorga / 05

SENÉM BARRO GANHA umhas eleiçõs à Reitoria em que se absteve 90% do estudantado / 04

GENTALHA DO PICHEL e Casa Encantada ponhem em andamento novos projectos formativos / 07

MODERADA NACIONALIZAÇOM dos hidrocarbonetos na Bolívia produz umha desproporcionada reacçom em Ocidente / 08

Opiniõs de Luís G. Blasco 'Foz', Carlos Taibo, Alexandre Banhos, Beatriz Santos, Valentim Rodrigues Fagim e Paula Carballeira



Mágoa de Unionm Europeia

CARLOS TAIBO

♦
“HÁ POUCOS MOTIVOS PARA SENTIR-SE SATISFEITOS COM A POLÍTICA EXTERIOR QUE A UE ESTÁ A DESENVOLVER NESTES MOMENTOS E MUITOS PARA SUGERIR QUE CORRESPONDE UMHA RADICAL MUDANÇA”
 ♦

Em virtude de agudas diferenças, de cosmovisões ideológicas diferentes e de umha inquietante indefinição, a política exterior da UE nom só nom empreende o voo: arrasta, ademais, misérias sem conto. Procuremos alguns sinais dessas misérias e comecemos pelo que nos clarifica o contencioso bielorrusso das últimas semanas. Sabido é que os membros da UE se comprometeram a impedir a entrada, nos seus Estados, do presidente Lukashenko. Ainda que nada maior tenho a dizer em defesa deste, devo perguntar-me porquê tanta atençom ao seu caso e tam pouca aos de outros. Quando impedirá a UE a chegada aos nossos aeroportos dos emires sauditas ou dos dirigentes chineses? Ou é que alguém pensa a sério que as regras do jogo da democracia, signifique esta o que significar, se violentam mais na Bielorrússia do que na Arábia Saudita ou na China? Tratariam os responsáveis comunitários da mesma maneira Lukashenko se Bielorrússia dispusesse de respeitáveis reservas de matérias primas ou fosse umha prometedor contraparte

comercial? Para além disso, está na hora de lembrarmos que nem tudo o que brilha é ouro na política que a UE desenvolve perto da Rússia, da ma de um jogo interesseiro de progressiva marginalizaçom de Moscovo que obedece ao desígnio, claro, de melhorar a posiçom própria. Por detrás desse projecto enxerga-se, do lado da Unionm, uma aceitaçom calada da política norte-americana, em que emergem notáveis elementos agressivos. Umha segunda fonte de misérias é o conflito palestino-israelita, da ma agora de cortes visíveis nos fundos que a UE dispensa à Autoridade Nacional Palestiniana. A UE parece irreparavelmente submetida, mais uma vez, à política que ditam os governantes norte-americanos, circunstância a que se soma, é bem certo, uma inércia histórica de inapresentável apoio, acompanhado de tediosa tolerância, ao Estado de Israel. Como é possível que nom se apresente, nestas horas, exigência algumha a este último? Será que os nossos dirigentes esquecem que Israel tem

incumprido sistematicamente uns acordos de paz, os assinados no decénio de 1990, que os governantes israelitas deram reiteradas vezes por mortos? Que fundamento tem a constante lembrança da condiçom terrorista de Hamas num cenário em que todos os dias temos conhecimento do enésimo 'assassinato selectivo' cometido pelo exército israelita, amiúde com resultado de adolescentes e crianças mortas? Tomarém os nossos governantes nota que por momentos parece evidente: o maioritário voto que os palestinianos outorgaram a Hamas nom é um prémio ao rigorismo religioso deste último, mas, acima de tudo, umha rejeiçom franca de uns planos de paz que pouco mais contemplavam do que um Estado palestiniano satelitizado por Israel? Mergulhemos, enfim, noutra fonte de notícias inquietantes: o Irém e o seu programa militar. É provável que ande sobrado de razom quem sustém que, apesar da aparência de dureza, a UE acaba por se mostrar remissa a assumir medidas severas contra Teerém. Nom se esqueça que estas últimas dificilmente poderiam mostrar outro cariz que o que corresponde a umha negativa a adquirir o petróleo iraniano, com as consequências esperáveis em matéria de subida nos preços internacionais do cru. Seja como for, para conseguir que o Irém renuncie a dotar-se de



armas nucleares, o primeiro que a UE deve fazer é desprender-se da nojenta dupla moral que hoje abraça: porque som apresentadas ao Irém exigências sem conto e, polo contrário, estas desaparecem no caso de dous Estados, a Índia e, de novo, Israel, que nom som, aliás, assinantes do Tratado de Non Proliferaçom Nuclear? A UE prefere ignorar, ao mesmo tempo, que as autoridades iranianas tenhem motivos sobrados para reechar dos movimentos dos Estados Unidos, umha potência que conta hoje com 130.000 soldados no Iraque e com presença militar nada desprezável nos também vizinhos Afeganistém e Paquistém. Porque Bruxelas, que critica legitimamente os

excessos a que se entrega todos os dias o presidente iraniano, prefere guardar silêncio, porém, perante a repetiçom de muitos dos termos da jogada com que Washington iniciou, anos atrás, a sua operaçom de agressom no Iraque e perante as ameaças, israelitas e norte-americanas, de destruiçom das instalaçom nucleares iranianas? Terminemos: há poucos motivos para sentir-se satisfeitos com a política exterior que a UE está a desenvolver nestes momentos e muitos para sugerir que corresponde umha radical mudança. Nom deixa de surpreender, nom obstante, que entre nós seja tam ruidoso o silêncio com que políticos e especialistas preferem continuar a obsequiar tanta miséria.

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejias transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçom, como também de resumí-las ou extractá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antissociais intoleráveis.
 Endereço: peLOURINHO@NOVASGZ.COM

GREVE DE ENTREGAS DE LEITE DE 29 A 31 DE MAIO

Nas duas últimas reunions do grupo de trabalho da Mesa do Leite ficárom claras as posturas defendidas tanto pola indústria como polos produtores, que se manifestam, neste momento, como irreconciliáveis. A indústria postula como melhor opçom possível a aceitaçom da descida de preços realizada até agora, com possibilidades de recuperaçom de 0'6 cêntimos em Setembro, outros 0'6 em Outubro, e umha nova descida de 0'6 em Dezembro. Esta é a proposta da indústria; se fosse aceite, produziria-se umha diminiçom considerável do preço médio anual, algo que nem o sector produtor nem o Sindicato Labrego Galego estám dispostos a permitir.

O SLG nom pode aceitar nenhuma desvalorizaçom que situe o preço do leite num valor inferior ao da campanha passada. Considera-se, aliás, que esse é já um preço excessivamente baixo, fruto das quedas sistemáticas dos dous últimos anos.

A proposta do sector produtor para recuperar os preços é a seguinte: o leite tem que subir 1'2 cêntimos em Julho e 1'2 cêntimos em Agosto, para se recuperar ao nível de um preço ajustado, mantendo-se assim todo o ano.

Polo contrário, a falta de possibilidade de acordo significa que a indústria vai continuar a aplicar a sua política de preços baixos, com o qual nom se pode descartar que existissem novas quedas. Portanto, no sector produtor já se estám a organizar novas mobilizaçom.

Nos vindouros dias haverá várias mobilizaçom pontuais

que finalizarám no fim do mês (29, 30 e 31 de Maio) com três dias de greve de entregas de leite simultânea com concentraçom permanentes diante das indústrias.

Tanto as datas como as açom a desenvolver fôrom acordadas polos três sindicatos agrários para responder a esta situaçom. Nós, labregos e labregos, devemos ir já contando com que esses dias nom vamos entregar leite. Ademais, teremos que concentrar-nos diante das indústrias de jeito permanente.

A luta por um preço digno do leite vai centrar as reivindicaçom do sector, que deverá dar mostra de toda a sua capacidade reivindicativa. Assim, podemos dizer que estamos diante de um momento histórico para assegurar um futuro às exploraçom leiteiras galegas.

Certamente, é difícil chegar a acordos neste sector, depois de

vinte anos sem falar do valor do leite entre a indústria e a produçom. Ainda por cima, padecemos umha série de anomalias nos preços difíceis de corrigir. Neste sentido, existem hoje diferenças de mais de 7 cêntimos por litro, devidas, fundamentalmente, às primas de quantidade para produçom com qualidades idênticas. Isto provoca que as desviaçom do preço médio sejam enormes, facto que causa grande dificuldade para pôr um preço base igual para todo o mundo e suficiente para cobrir custos e salários. Precisamente, este último é, ao nosso ver, o único jeito de estabelecermos acordos e políticas de preços que signifiquem umha mudança na comercializaçom do produto e que garantam estabilidade para o sector.

Sindicato Labrego Galego

Manuel Lugris Freire, também um referente para o reintegracionismo

LUÍS G. BLASCO (FOZ)

"ESCRIBO-LHE CON GRAFIA PORTUGUESA PELA RAZÃO DE QUE AGORA A MOCIDADE GALEGA FACE TAL JEITO DE MODIFICAÇÕES QUE ACREDITO QUE DEBEMOS DE VOLTAR OS NOSSOS OLHOS AO PORTUGUÊS, JÁ QUE NÃO HA MEIO DE CONCORDARMOS NA ESCRIPTURA"

A Academia Galega dedica este ano o Dia das Letras a Lugris Freire. Poucas vezes estivo tam acertada a Academia na sua escolha como esta: honrando Lugris Freire, a Academia honra-se a si mesma, já que se trata de um dos seus fundadores e também de um dos seus presidentes. Manuel Lugris era presidente da Academia em 1936 e teve de abandonar o cargo por culpa da sublevação militar-fascista desse ano; ocuparia o seu lugar Manuel Casás, de infausta memória e tradicional inimigo, primeiro do regionalismo e depois do nacionalismo galego que polemizava com Murguía, Vilar Ponte, etc.

Lugris Freire foi o primeiro em muitas cousas: o primeiro, conhecido, a fazer teatro galego em prosa, um teatro social e reivindicativo; membro da primeira organização que tem o galego como língua oficial: a Liga Gallega na Cruña, o primeiro a escrever umha gramática do galego em galego; o primeiro a pronunciar um discurso político em galego (6 de Outubro de 1907 em Betanços num comício de Solidaridad Gallega); reproduz o primeiro parágrafo, depois do saúdo, citando polo número de 19 de Outubro d' A Nosa Terra, para que se vejam os ataques que sofriam os defensores da nossa língua: "O que agora têm o atrevimento de falarvos é tamén un mariñan que tivo a grande sorte de nacer n-esta bendita e ridente terra nosa; e, como tal mariñan, quérovos falar na lingua gallega, primeiramente, porque d'este xeito entenderedesme mellor, e despois porque un boletín da Cruña, que pra escarmio e vergonza do bon sentido leva o nome santo da nosa terra, dixo que se hoxe se vos parolaba en gallego, na fala que adprendimos das nosas nais, na fala querendosa en que vosoutros namorástedes ás compañeiras da vosa vida e dos vosos infortunios, nais cariñosas dos vosos fillos, enterrariáse no ridículo a propagação de redención, de verdadeira libertá, que alborexa para esta terra. (Aprausos)"

Lugris Freire foi também um trabalhador que, aos vinte anos, tivo que emigrar para Cuba; ali publica o

seu primeiro livro de poemas, prologado por Curros Enríquez, que lhe tinha um grande carinho. Quando volta para a Galiza instala-se na Corunha e é um assíduo da Cova Celta. Ao se criarem as Irmandades da Fala, será um dos seus membros fundadores. Quando, em 1922, o nacionalismo galego se dividir, Lugris Freire ficará no sector progressista liderado pola irmandade da Corunha, sem querer saber nada da aventura elitista e reaccionária que dirige Vicente Risco.

Lugris, seguindo a tradição galeguista, professava um amor a Portugal que o levou a escrever o conto A espada do fidalgo, publicado pola primeira vez no boletim regionalista A Nosa Terra em Fevereiro de 1908, reproduzido em 1916 no órgão das Irmandades da Fala do mesmo nome e recolhido no livro Contos por Asieumedre (pseudónimo utilizado por Lugris na sua narrativa). O argumento do conto é o seguinte: quando em 1640 Portugal luta por recuperar a sua liberdade, um fidalgo galego é chamado para ir lutar com o exercito espanhol contra os portugueses; o fidalgo nega-se a fazê-lo e rompe a sua espada, herdada de um seu antepassado, que a usara para lutar com Pardo de Cela contra as tropas de Castela, considerando que a Galiza deveria imitar o exemplo de Portugal para recuperar a liberdade perdida.

Lugris Freire é também um referente para o reintegracionismo lingüístico: a 3 de Maio de 1928, escrevia a Cebreiro umha carta com grafia portuguesa, vejam-se as razons que ele próprio dava: "Escribo-lhe con grafia portuguesa pela razão de que agora a mocidade galega face tal jeito de modificações que acredito que debemos de voltar os nossos olhos ao português, já que não ha meio de concordarmos na escriptura. Não imos, de certo em ma companhia, embora que alguns disseram que isto não é patriótico."

Que este ano da memória nos sirva, também, para aprendermos muitas das lições que nos deixou o velho mestre Lugris Freire, tam esquecido durante anos polo "galeguismo oficial".

NOVAS DA GALIZA

EDITORIA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

REDACTORA-CHEFA
Marta Salgueiro

CONSELHO DE REDACÇÃO
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván García, Xiana Árias, Sole Rei, F. Marinho, Natália Gonçalves, Gerardo Uz, María Álvares.

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇÃO
Miguel García, C.Barros, A. Vidal, X. Árias

INTERNACIONAL
Duarte Ferrín
Nuno Gomes (Portugal)
Jon Etxeandía (País Basco)
Juanjo García (Países Cataláns)

COLABORAÇÕES
Maurício Castro, I. Gomes, D. Loimil, X. Carlos Ánsia, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, R. Pinheiro, Joseba Irazola, Asier Rodríguez, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Ramón Chao, Germán Hermida, Celso Á. Cáccamo, João Avelado, Jorge Paços, Adela Figueroa, Joán Peres, Pedro Alonso, Alexandre F., Joana Pinto, Miguel Barros, Ana Rocha, Luís G. Blasco 'Foz', Alberte Págin

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natália Gonçalves

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartín, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas, Farruquinho, Aduaneiros sem fronteiras, Xosé Manuel

CORREBOÇOM LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel García

FICHO DA EDIÇÃO: 15/05/06

D. LEGAL C-1250-02 / As opiniões expressas nos artigos nom representam necessariamente a posicóm do periódico. Os artigos som de livre reprodución respeitando a ortografía e citando procedência. A informaçóm continua periodicamente no sítio web www.novasgz.com e no portal www.galizalivre.org

LÍNGUA E HOMENAGEM

Os dados mais recentes sobre a evolução do galego na última década fôrom recebidos com frialdade pasmosa. Nem de longe se repetiu o arrepio que sacudira toda a gente em 1994, quando aquele já velho mapa sociolingüístico alertava da consumaçóm vertiginosa do processo substitutivo. Hoje, doze anos depois, a aceleraçóm das tendências mais negras registadas na passada diagnose só motivou a alarma das minorias militantes.

Talvez nom exista obstáculo mais difícil de ultrapassar que as inércias acumuladas em anos de indolência, que fam suportáveis até as ofensas mais manifestas. Para o galego, o idioma mais ultrajado do nosso contexto, chega com placebos: da consolaçóm professoral à enxurrada publicista, dos pedidos de igualdade formal às hipócritas adesões dos emotivos e emotivas. Por enquanto, temos registado nos últimos meses quase umha dúzia de casos de humilhaçóm pública a cidadãos e cidadás galegófons no sector serviços e o mundo judicial. Os protestos, se tímidos e comedidos, até mesmo fam estranháveis e inofensivos as vítimas desta anormalidade

doentia. E quando nom se exige praticamente nada, as faragulhas que caem das mesas quase parecem fenomenais conquistas populares: as ambíguas declaraçóms em castrapo de Tourinho sobre o galego oriental, atrevimentos em favor do irredentismo; a aplicaçóm de algunha das medidas do recente Plano de Normalizaçóm consensuado polos três grandes partidos, reptos de fundo ao espanholismo; a hipotética igualdade jurídica, recuperaçóm do nosso arrebatado status de língua nacional.

No entanto, nos ámbitos do lazer, o ensino e a cultura de massas, a mocidade continua a empapar-se de espanhol se nom tem a sorte de ser alcançada por algunha das meritórias iniciativas de base que a Galiza auto-organizada anda a trazejar nas margens do poder. Na comunicaçóm, lá onde a omnipotência hispana se manifesta com mais cruza, os propósitos normalizadores do oficialismo som caricatura de péssimo gosto: a exclusóm dos meios alternativos de umha suposta entente pró-galego demonstraria como se concebe a luta polo idioma: congelada polo medo e aprisionada nos subsídios.

PESTINHO+1





NOTÍCIAS



O Teatro das Torres acolherá as diferentes palestras organizadas polos centros sociais, a AGAL, o MDL e NGZ

Oleiros converte-se no centro da reivindicação lingüística

REDACÇOM/Ao contrário do que em anos passados, a reivindicação idiomática nom se reduz à manifestação convencional polas ruas de Compostela. Para além dos festivais nas comarcas e da mobilização d'A Mesa a favor de um novo status jurídico para a língua, a Coordenadora Galega de Centros Sociais, AGAL, MDL e o próprio NOVAS DA GALIZA 'tomam' a vila de Oleiros para abri-la aos movimentos sociais que trabalham com e para o idioma. Umha nova fórmula de encontro e reivindicação que aguarda apoios diversos.

A anormalidade lingüística que vive a Galiza tivo, como costuma acontecer, o seu correlato de anormalidade política. Para a Gentalha do Pichel, a asociación compostelana que gere o Centro Social na capital da Galiza, a realización do seu ambicioso programa de actos foi toda umha odiseia, dados os impedimentos da policía municipal. Durante a campaña de difusom da 'Festa do dezasete', vários agentes à paisana dedicáron-se à identificação de activistas e à boicotagem dos cartazes que a Gentalha colocou por toda a cidade e parte da comarca. Como colofom, a cámara cortou a luz do palco de música à meia-noite, impedindo o normal desenvolvemento da festa. Contudo, as pressions municipais nom conseguírom dissuadir parte da população, que nutriu os actos polas letras participando no jantar popular, na 'feira camiseteira' e na festa da noite.

A Gentalha completou o seu calendário mobilizador com um jantar polo idioma no centro

social e um cortejo mobilizador que percorreu a zona velha de Compostela.

A Mesa, centrada na reivindicação institucional

Por seu turno, a veterana entidade normalizadora centra os seus eventos no estatuto jurídico do galego e na denúncia pública de violaçons flagrantes dos direitos idiomáticos. Nas jornadas prévias ao día grande, a asociación presidida por Carlos Callón tornou público um Comité Cidadao pola língua, composto por pessoas que tenhem sofrido algum tipo de agressom por causa do uso do galego. Na manifestação que sai da Alameda de Compostela com a legenda 'Temos. Queremos. Devemos' reivindicará-se a inclusom do dever de conhecer o galego no futuro Estatuto de autonomia. Provavelmente a mobilização dará continuidade à linha de denúncia que A Mesa tem iniciado recentemente contra o que considera 'timidez' da responsável autonómica pola polí-

tica lingüística, Marisol López.

Oleiros acolhe festival 'em movimento'

Finalmente, no día 20 de Maio, a Cámara Municipal de Oleiros colabora activamente com o movimento reintegracionista e os Centros Sociais ao ceder parte da infra-estrutura municipal a favor do festival. Lá estarám presentes a contra-informação das rádios livres, o desporto tradicional organizado por Brinquédia, ou conhecidos activistas do reintegracionismo em palestras e debates. Tamém a música em galego, que fechará a jornada. Grupos como Skárnio ou a Banda de Poi (um dos grupos que com maior clareza exhibe o seu reintegracionismo) protagonizarám a noite.

Para além das entidades organizadoras, entre as quais se encontra NOVAS DA GALIZA, figuram como apoiantes um amplo leque de colectivos: de cooperativas de consumo a clubes de futebol, passando por associaçons viciniais.

Movimento polos Direitos Civis apresenta relatório anual

REDACÇOM / Como já é habitual, o Movimento polos Direitos Civis (MpDC) apresentou o seu relatório anual, onde compila todo o trabalho desempenhado por este colectivo durante o ano 2005. Nesta ocasiom, inclui-se a novidade de que os resultados e conclusons som confrontados com o articulado do Título I da Constituição Espanhola - onde se recolhem os direitos e liberdades - para testemunhar a sacralização deste texto enquanto os poderes públicos adoptam medidas que precisamente coarctam liberdades cidadás.

Segundo o coordenador da associação, Renato Nunes da Silva, "neste idílico Estado de direito, protegido por esta 'perfeita' Constituição, existem direitos indiscutíveis e outros que os seus principais valedores consideram sacrificáveis", e pom de exemplo as afirmaçons do presidente do Supremo Tribunal espanhol, Francisco José Hernando, afirmando que na

chamada 'guerra contra o terrorismo' lhe parecia "oportuna" a morte de inocentes para se evitar o risco de atentados.

Ainda, para evitar que o trabalho feito "nom sofra as limitaçons impostas pola falta de transparência das instituições", o MpDC visa desenvolver, durante este ano, o texto articulado de umha proposta de 'Lei de Transparência Administrativa' que seja apoiada polos grupos parlamentares galegos.

Rua Fraga

Renato Nunes confirmou a este jornal que nestes momentos a açom que mais trabalho lhes está a dar é conseguir apoios para evitar que a Cámara Municipal de Compostela dedique umha rua ao ex-ministro franquista Manuel Fraga, principalmente quando existem pessoas cuja trajetória foi muito mais democrática e às quais nom se dedicou qualquer logradouro público.

Barro ganha a reitoria da USC graças ao voto do professorado

REDACÇOM / Seném Barro Ameineiro proclamou-se ganhador das eleições a reitor da Universidade de Santiago de Compostela (USC), nomeadamente graças ao voto do professorado - ao redor de 80 por cento deste colectivo participou na convocatória eleitoral -, já que a abstenção entre o estudiantado foi de quase 90 por cento. No entanto, Barro avaliou positivamente os resultados, e sublinhou que a sua candidatura superou a de Casares Long em seis dos oito subsectores em que se dividia o eleitorado.

O programa com que Barro ganhou contempla, entre outros pontos, medidas para a implementação do Espaço Europeu de Educação Superior (EES)

e umha projecção atlântica da USC, devido à "localização privilegiada da Galiza como ponte entre duas culturas".

"Xabarin reitor"

Da mesma maneira que o acontecido nas eleições de 2002, foi salientável o desencanto entre o estudiantado, que maioritariamente decidiu nom acudir às urnas. Naquela altura, muitos e muitas decidiram dar o seu voto ao porco Celidónio, seguindo umha campanha promovida por AGIR. Nesta ocasiom, fôrom os CAF que, através da página www.xabarinreitor.blogspot.com, propugérom a mascote do popular espaço televisivo para a reitoria da USC.

**nom nos calarám!
nom nos fecharám!**

desmorga

www.desmorga.agal-gz.org

AURIENSE

café cultural
ourense

CAFEAURIENSE@TERRA.COM
PRAZA DO CORREXEDOR, 11
TLF. 988 222 536

PATACHIM

taberna boémia

feira-mar, 16 corunha

CENTRO SOCIAL

A tren!

Presbiteriosom de tres artigos colaboraçal

isabru@hotmail.com
Travesa Saini Jose, 2 (045-60-040)
15.002 CORUNHA

Colaboracion: 2091-0012-16-3040031205



Governo municipal de Ourense fecha o centro social da Esmorga

REDACÇOM / A policía local de Ourense fechava no passado dia 12 de Maio as portas do centro social da Esmorga, em cumprimento de unha decisión do Governo municipal. Amparava-se no suposto incumprimento de normativas relativas às dimensões do local, aplicadas a negócios de hotelaria que a Cámara costuma ignorar na maior parte dos casos; aliás, esta sería a primeira vez que é aplicada a um local do ámbito associativo. Segundo o comunicado emitido pola asociación que administra o centro social, "neste caso é um pretexto para acabar com unha iniciativa sócio-cultural que lhes parecia incómoda de mais". O impulsor da medida é Aurélio Gomes Vilar, vereador do Comércio, Turismo e Termalismo, conforme assinalam na Esmorga, que tería ordenado à policía municipal a execuçom do acordo da Junta de Governo composta polo PP ourensano. Da Esmorga asseguram que nom vam parar nenhuma das activida-

des previstas, como a Temporada das Letras (de 17 de Maio a 10 de Junho), e preparam açoms de denúncia e mobilizaçom, para além de ter desenvolvido unha importante campanha propagandística na cidade. No texto recebido por Novas da Galiza denunciavam que o governo municipal "fecha a cultura galega" porque lhes incomoda "que defendamos a cultura, dignifiquemos a fala e auto-organizemos a mocidade". Por outro lado, em Compostela tornava-se patente a repressom municipal na madrugada do pasado dia 14, durante a celebraçom dos concertos da 'Festa do Dezassete', organizada pola Gentalha do Pichel. Nesta ocasiom, a Cámara Municipal, governada polo PSOE e o BNG, cortava a luz do palco a meio da festa, impedindo a finalizaçom do programa previsto. Dias antes, activistas que colavam propaganda destes actos foram perseguidos e identificados por agentes da policía local compostelana.

Denunciam perseguiçom do galego nos encontros de Gandario

REDACÇOM / O Instituto Galego de Estudos de Segurança Internacional e da Paz (IGESIP) denunciou a perseguiçom da língua galega nos diferentes encontros celebrados no último ano no albergue público de Gandario - concelho de Vergondo. Segundo o presidente desta instituiçom, ele próprio, outros dous membros da mesma entidade e o jornalista João Evans, fõrom recriminados por parte da organizaçom da XVI Juntançã Luis Freire por quererem defender os seus trabalhos em galego - tal como contemplavam as bases do encontro.

Em sua opiniom, como conseqüência da recusa a se exprimirem em castelhamo, no presente ano tampouco fõrom admitidos os seus trabalhos para a XII Juntançã de Novos Investigadores, realizada recentemente também em Gandario, enquanto outros três membros do IGESIP - que na folha de inscri-

çom nom explicitaram a sua pertença ao instituto - sim pudõrom participar. Segundo explicou João Evans, estas três pessoas apresentãrom um total de seis trabalhos, "e fõrom os únicos a falarem galego de entre mais de um cento de participantes". Evans também explicou que um sector do público exortou os conferencistas galego-falantes a se expressarem em castelhamo e que abandonãrom o auditório "em massa" porque os representantes do IGESIP se recusãrom a mudar de língua. Mais ainda, numha das exposiçõs "o murmúrio das primeiras fileiras impedia que a conferencista fosse ouvida", polo que outro dos membros do IGESIP pediu ao público para permitir a defesa em galego do trabalho, "mas recebeu da moderadora unha advertência por esta atitude, já que o público, segundo ela, "também merece um respeito".

Novas da Galiza solicita integrar-se na AME

REDACÇOM / No passado dia 10 de Novembro as empresas editoras de Vieiros, A Peneira, Galicia Hoxe, A Nosa Terra e Tempos Novos apresentavam publicamente o projecto da Associação de Meios Escritos em Galego (AME). Desde o início, esta iniciativa foi recebida com interesse pola redaçom do Novas da Galiza, que solicitou em Novembro de 2005 fazer parte do novo organismo, por coincidir com os seus objectivos e cumprir os requisitos marcados polo texto de apresentaçom. Seis meses depois de efectuar o

pedido de ingresso, a AME ainda nom se pronunciou ao respeito. Se em princípio as respostas de membros da associação davam a entender que a entrada deste cabeçalho sería efectiva, em Fevereiro comunicavam a existência de debates no seu seio para aceitá-la, aduzindo diferenças que diziam respeito à normativa utilizada. Novas da Galiza quer manifestar publicamente a sua intençom de formar parte da Associação de Meios Escritos em Galego e solicita deste organismo unha resposta.

CRONOLOGIA

◆ 10.04.06

Incrementam fundos públicos para a luta contra os incêndios florestais.

◆ 11.04.06

Morre um trabalhador da construçom ao cair do quarto andar de um prédio em Compostela.

◆ 12.04.06

Parques Nacionais retira todas as lixeiras das Cies, por motivos de conservaçom e paisagísticos.

◆ 13.04.06

Despejos de águas residuais afec-ta a praia de Raxó, em Poio.

◆ 14.04.06

Detidos dous rapazes menores de idade por unha suposta agressom sexual a unha mulher.

◆ 15.04.06

Parlamento aprova proposiçom para serem declarados os Penedos de Trava, Passarela e Branha, Monumento Natural.

◆ 16.04.06

Conselharia do Meio Rural suspende abatimento de árvores num monte de Boiro, para preservar um ninho de açores.

◆ 17.04.06

O prémio Nobel Pérez Esquivel participa na Semana Galega da Filosofia.

◆ 18.04.06

Sindicatos e Conselho da Juventude da Galiza revelam que a mocidade trabalhadora galega recebe 30% menos que o resto da populaçom activa.

◆ 19.04.06


Umha multinacional apresenta em Cúrtis as possibilidades e vantagens de GPS's instalados em tractores.

LIVRARIA
SISARGAS
Rua Carlos Fernández 9
15002 A GARRA
TEL. 914 767.20032

O Alfaiate
CAFÉ

Campo da Lenha, 20
CORUNHA


Rua Jaás
Castro
15001 Pontevedra
(Cidade de Pontevedra)


Cafés • Copas
Actuacions
Festas
Exposiçõs
DJs ...
Abrimos
todos os dias
a partir
das 19:00h
Rua Tren 5 - A Coruña

LOCAL SOCIAL
REVOLTA
Rua Real, 32
Apdo. 287 - 36200 VIGO



◆ 20.04.06

Começam as comparecências na Comissão de Estudo para a reforma do Estatuto, com as intervenções dos porta-vozes da FEG e de Nunca Mais.

◆ 21.04.06

Presidente da Junta gaba, na inauguração do Lusocom, o parentesco cultural e lingüístico de toda a área lusófona e fala de possíveis projectos de cooperação entre a Galiza e Portugal.

◆ 22.04.06

Rádio Piratona comemora em Vigo o seu décimo oitavo aniversário.

◆ 23.04.06

Retomam obras de acessos nas Fragas do Eume, anteriormente paralisadas por supostos danos ao património arqueológico e ao meio.

◆ 24.04.06

O Congresso elabora uma proposta para que o Estado e a Igreja co-financiem pensões de sacerdotes secularizados.

◆ 25.04.06

Cumprem-se trinta e dois anos do começo da Revolução dos Cravos.

◆ 26.04.06

Via Anti-Colonial Activa (VA-CA) finaliza dous anos de activismo retransmitindo proclamando a sua 'imolação'.

◆ 27.04.06

Instituto da Mulher apresenta estudo que assegura que 16 em cada 100 mulheres denunciaram sofrer assédio sexual nos seus postos de trabalho.

◆ 28.04.06

Conselharia da Pesca e Pescanova negociam situação alternativa ao Cabo Tourinhã para a central de engorda de rodvalho projectada pola multinacional.

◆ 29.04.06

O presidente da Câmara Municipal de Ponte Vedra nada no Leres para demonstrar que, com o fim do saneamento das águas, foram eliminados 98% dos efluentes que poluíam o rio.

◆ 30.04.06

A central nuclear de Zorita paralisa

A greve do metal recupera o protagonismo da mobilização operária

Paralisa-se o metal enquanto sindicatos espanhóis assinavam nova reforma laboral

Redacção / Vigo nom lembrava tal cousa desde meados da década de 90, quando o sector do metal parara 23 dias a favor de condições de trabalho dignas. Em sete dias de actividade frenética, perto de 20.000 trabalhadores tornavam-se protagonistas de um conflito que passou por todas as manifestações possíveis: assembleias multitudi-

nárias, mobilizações de rua, negociações com o patronato, sabotagens e confrontos com as unidades de intervenção da polícia espanhola. Como culminação, um acordo tremendamente discutido. E como pano de fundo, uma nova reforma laboral recebida socialmente com o silêncio mais estrepitoso.



As trabalhadoras e os trabalhadores levantaram barricadas de lume no centro de Vigo para se defender da agressão policial

A sucessão sangrenta de acidentes nos postos de trabalho subira progressivamente a temperatura no sector. As taxas de precariedade, à beira de 70% entre uma classe trabalhadora mormente jovem, mereceram a atenção dos sindicatos. A unanimidade com que o metal da província de Ponte Vedra decidiu ir à greve numha assembleia prévia ao primeiro de Maio antecipou em certa medida o que se avizinhava. Voltou a ganhar vigência o velho dito viguês: 'quando para o metal, trema a cidade', ainda que agora seja no contexto da extensão absoluta da precariedade e o individualismo nas relações laborais.

As três centrais maioritárias, CIG, CCOO e UGT, exigiram inicialmente a redução das taxas de temporalidade a 25% e um aumento salarial sobre o IPC real. As assembleias, realizadas diariamente, conseguiram a implicação de trabalhadores da naval e do sector automobilístico, com importante presença de oficiais que solidariamente aderiram às reivindicações dos precários.

Contundência policial e sabotagens

A eficácia dos piquetes - maior em Vigo do que em Vila

García, Lalim ou Ponte Vedra - logo motivou as queixas de J.M. Alvarinho, presidente do patronato provincial, que exigiu que fossem tomadas medidas por parte da Subdelegação do Governo. Delfin Fernández, responsável pola polícia espanhola em Ponte Vedra, pareceu tomar nota, ao ordenar umha carga policial que acabou com treze detidos e numerosos aleijados. A unidade de intervenção comportou-se com as pautas habituais, batendo indiscriminadamente em qualquer cidadão que caminhasse pola rua e empregando as bolas de borracha a curta distância (um trabalhador estivo para perder um olho e partírom a outro umha perna com umha bola de borracha). A batalha campal no centro de Vigo fijo temer a muitos que a violência se desbocasse, mas a intervenção de controlo dos sindicatos fijo da mobilização do dia seguinte umha tranquila concentração diante dos julgados à espera da declaração dos detidos.

Ainda, a indignação popular era notável, e recrudesciu-se quando se soubo que os operários saíam do prédio das Travessas em liberdade, mas sob acusação. Se já nos primeiros dias da greve fora

incendiado um expositor de veículos do presidente do patronato ponte-vedrés, nas seguintes jornadas foram atacados outros interesses empresariais. O mais destacado, a nave de Marvi Logística, no Porrinho, que apareceu de manhã totalmente Cainada.

Tensom na assembleia e divisom de opiniões

Na manhã da quinta-feira 10 de Maio, a Praça do Rei de Vigo enchia-se de trabalhadores do metal, estudantes solidários com o conflito e cidadãos curiosos. Tratava-se de ratificar o novo convénio, decidido polos sindicatos depois de 20 horas de negociação com o patronato. Entre aplausos e apupos, Antolím Alcántara, representante da CIG, expujo como principal logro das mobilizações a redução da temporalidade a 50% depois de três anos, a criação de umha lista de contratação, e a consideração da antiguidade desde o primeiro ano de contrato. Antolím Alcántara reconheceu que "a reivindicação salarial foi a menos atendida, mas nom era a nossa luta prioritária". A Confederação Geral do Trabalho (CGT) e trabalhadores sem filiação, que debatêrom no palco, incidiram

em que "havia força para um convénio melhor", insistindo-se em que todo o mundo sabe que essas medidas, ao cabo de três anos, nom vam ser aplicadas'. A diferença de critérios e o equilibrado das posições fijo com que a votação se tivesse que repetir até três vezes.

A reforma de Madrid

Enquanto transcorria um dos conflitos laborais mais duros dos últimos tempos, o resto de sectores do mundo do trabalho nom pareciam alterar-se o mais mínimo polas reformas em andamento. O pacto entre o governo do PSOE, CCOO, UGT e a CEOE consumava-se sem nenhum trâmite parlamentar e sem se submeter a debate partidário. Excepto a CUT e o anarcosindicalismo da CGT e CNT, os aplausos ou as críticas medidas foram a nota dominante desde o dia 1 de Maio. Tam só as centrais referidas acima enfatizárom como tema essencial umha reforma que, na sua opinião "continua a baratear o despedimento". A CIG também mostrou a sua rejeição frontal, mas dixo estar a aguardar "algumha cousa da mesa polo diálogo social que criou o governo bipartido".

Centro social do Pichel e Casa Encantada ponhem em andamento novos projectos educativos



REDACÇOM / Para a gente do Pichel um dos objectivos fundamentais dos centros sociais é oferecer espaços de formação. Para isso, começou a andar a Universidade Popular: centro de ensino onde seleccionem os pontos de vista que o mundo oficial nom proporciona. Meio ambiente, geografia e ordenaçom do território, língua e informática conformam as matérias oferecidas. O objectivo é focar as disciplinas para o pensamento crítico. O tratamento das principais problemáticas ambientais vistas polo ambientalismo, umha utilizaçom subversiva da Internet e as novas tecnologias ou os contributos da geografia crítica. O funcionamento é simples: inscriçom de dous euros por matéria ou seis por todas elas e responsáveis por áreas que fornecem material básico umha semana antes das aulas. A Universidade

Popular complementa-se com grupos de debate abertos. Neste ponto acaba de participar o fórum "Açom, poder e linguagem", nascido há um ano na Faculdade de Filologia. Este colectivo articula-se como umha tertúlia literária e análise no Pichel o texto "Linguística e Colonialismo" de Louis-Jean Calvet. Clara Miranda, estudante de medicina e membro do fórum aponta: "A ideia é sempre que alguma obra dê passagem ao activismo". Toda a semana aulas no Pichel e às quartas também na Casa Encantada, outro espaço de formaçom alternativa em Compostela. A Universidade Popular da Casa Encantada define-se, citando Ivan Illich, como "um ponto de troca de informaçom" e como umha ferramenta básica para transformar a realidade. Começou há três anos,

a partir de Projecto-Olho. Criou-se umha Escola de Direito focada para a autodefesa jurídica: direito à liberdade, processos, julgamentos, recursos e segurança cidadá. A este projecto aderiu o Colectivo Anti-Proibicionista, com grupos que trabalham assuntos vinculados às drogas, da classificaçom farmacológica aos efeitos ou ao estudo da lei de regulamento e as suas alternativas. A matemática e a medicina perfilham-se como ideias para o ano. As aulas som gratuitas e funcionam de modo assemblar: "a gente vai chegando, vamo-nos sentando todos ao redor de umha mesa, falamos, trazemos livros, fotocópias...", apontam na Casa Encantada. Estes dous projectos de Universidade popular tentam rachar as fronteiras do academicismo e do acesso ao conhecimento.

Familiares de detidos na operaçom Castinheiras denunciam processo cheio de irregularidades

REDACÇOM / No passado dia 12 de Abril constituiu-se formalmente a Associação de Familiares e Amig@s dos Detid@s pola Operaçom Castinheiras. Mediante umha conferência de imprensa realizada em Compostela onde foi lido um comunicado, os familiares quigérom lembrar a espectacularidade da referida operaçom que decorreu nos dias 14, 15 e 16 de Novembro e no dia 29 de Dezembro, quando "grupos especiais da Guarda Civil assaltárom os domicílios de onze pessoas, levando inumeráveis pertenças e objectos pessoais: fotografia, livros, computadores, escrituras de propriedade, dinheiro" e os dez detidos "fôrom deslocados a Madrid, onde fôrom deixados em liberdade dous dias após a detençom, sem que tivessem que fazer sequer um depoimento judicial".

Os familiares pugérom especial interesse em denunciar perante a opiniom pública as irregularidades deste processo "começando polo secretismo que o rodeia, que impede que os familiares saibam de que som acusados e acusadas, isto é, se se trata de algo mais do que de simpatizar com umha determinada ideia da Galiza". Também denunciárom o "baile" de julgados desde que se iniciou o processo: "o caso já passou por três julgados diferentes sem que nenhum se fizesse cargo do caso nem tampouco fosse levantado o segredo sumarial". As maes e pais dos militantes da AMI detidos acusárom directamente os meios de comunicaçom oficiais de "publicarem cada certo tempo notícias confusas sobre o andamento do procedimento enquanto que os directamente afectados nom som informados de nada".

Finalmente, o comunicado lido pelos familiares alertava as instâncias judiciais da possibilidade de que "a sentença se dite antes de se realizar o julgamento", manifestando-se contra "o atropelo dos direitos fundamentais dos nossos filhos e filhas" e os julgamentos contra as ideias.



sa definitivamente a sua actividade às 23h30.

◆ 01.05.06

Dia da Classe Trabalhadora.

◆ 02.05.06

O preço dos direitos de emissom de CO2 desce 62% polo excesso de oferta no mercado internacional.

◆ 03.05.06

Começa a greve dos trabalhadores do metal da provincia de Ponte Vedra.

◆ 04.05.06

Conselheiro de Meio Rural apresenta no Parlamento o projecto do Banco de Terras, que pretende incrementar a base territorial das exploraçoms agrárias galegas.

◆ 05.05.06

CCOO, UGT e patronato assinam contrato colectivo para o sector galego das ambulâncias.

◆ 06.05.06

Grupo parlamentar do BNG solicita a realizaçom de umha iniciativa que declare a Galiza território desnuclearizado e desbote possibilidade de debate ao respeito.

◆ 07.05.06

Um estudo científico demonstra que os golfinhos se atribuem nomes mediante séries únicas de guinchos, que lhes servem para chamarem a cada individuo particularmente.

◆ 08.05.06

13 trabalhadores do metal detidos pola policia namobilizaçoms do sector em Vigo.

◆ 09.05.06

Sindicatos reclamam demissom do subdelegado do Governo em Ponte Vedra pola sua responsabilidade na desproporcionada carga policial contra trabalhadores do metal em Vigo.

◆ 10.05.06

Começam os actos da Semana Galega do Comércio Justo, que este ano se dedica ao mercado do café.

Vice-Presidência aposta nas Galescolas



REDACÇOM / Longe ainda de um programa de ensino em galego, limitado polo próprio Plano de Normalizaçom Lingüística (PNL), a Junta da Galiza anunciou recentemente um primeiro passo para a normalizaçom do galego no ensino, a implementar

em colaboraçom com a FEGAMP (Federaçom Galega de Municípios e Provincias). Trata-se de umha rede de escolas infantis (Galescolas) para crianças entre 0 e 3 anos de idade. Em total, 99, distribuídas por todo o território da CAG. Com um total

de 5.490 vagas, a iniciativa gerará perto de 1.000 empregos. Apesar do considerável incremento de vagas, a Galiza ainda estaria longe das percentagens que recomenda a União Europeia para os infantários públicos. Quanto à língua, a euforia inicial nom está de todo justificada, já que os novos infantários nom poderám garantir o ensino exclusivo em galego, que dependerá da vontade dos pais e das maes. Contudo, este seria o segundo passo que a Junta dá no mesmo sentido nos últimos meses, ao se ter prometido também a criaçom de 10 centros modelo de ensino até os seis anos com o galego como única língua veicular, ainda que distribuídos só por zonas galego-falantes. Apesar do nome 'centros modelo', no movimento

normalizador desconfia-se de que entre os planos de Sam Caetano esteja o alargamento deste sistema.

O nome de Galescolas foi copiado de umha iniciativa que estava a promover o Viveiro e Observatório das Galescolas (VOGAL). Nom é a primeira vez que, em assuntos de normalizaçom lingüística, Vice-Presidência tem em conta iniciativas do âmbito reintegracionista. De facto, eram o independentismo e o reintegracionismo os que estavam a pedir com mais insistência a criaçom deste tipo de centros, umha vez que organizaçoms como A Mesa centravam o seu activismo em fazer cumprir as percentagens de ensino veicular em galego que figuram no novo PNL, mas sem mudar o sistema de ensino.



INTERNACIONAL

Bolívia nacionaliza recursos hidrocarbonetos

DUARTE FERRÍN / No passado dia 1 de Maio o Governo boliviano nacionalizou os recursos hidrocarbonetos do país. Agora, as empresas petrolíferas deverão entregar toda a sua produção de gás e petróleo à petroleira estatal, que se encarregará da comercialização, da definição das condições, volumes e preços internos, e da exportação e industrialização. Assim, o Estado boliviano obterá 82% dos benefícios da produção nos campos que gerem mais de 100 milhões de pés cúbicos diários de gás em 2005 e 50% naqueles campos com níveis de produção inferiores. A petroleira estatal passará a possuir, pelo menos, 50% mais uma das ações nas empresas que operavam no país e dá-lhes um prazo de 180 dias para se adequarem às novas regras e negociarem novos contratos; em caso contrário, o Governo confiscará as suas instalações. Apesar de este decreto ser um passo em frente, a nacionalização não é completa, já que, em vez de expulsar as transnacionais que operam ilegalmente no país, está-se-lhes a dar outra oportunidade para continuarem a explorar as riquezas naturais: podem realizar todas as actividades da cadeia produtiva, individualmente ou por meio de convénios com o Estado. A nacionalização não afecta a indústria do sector, já que não se expropriam os bens das empresas, como plantas e maquinaria. E, para além de 50% mais uma das ações sob controlo do Estado, as demais ações das empresas petrolíferas ficarão vigentes.

O grande lucro da Repsol YPF na Bolívia

Há 400 anos eram galeões carregados de ouro e prata que aportavam na Europa vindos das Américas; hoje são petroleiros, gasodutos e transações de divisas a atravessarem o charco superando em muito o valor que os galeões encerravam.

Uma das transnacionais mais afectadas pelo decreto é a hispano-argentina Repsol YPF, que controlava mais da terceira parte das reservas de gás bolivianas.

Repsol e Amoco, que nos anos 90 tomaram o controlo da ex-empresa estatal petroleira, apresentavam os custos de produção e de exploração de hidrocarbonetos mais baixos do mundo. O custo médio para a produção de um barril equivalente de petróleo é de 5,6



dólares a nível mundial, mas na Bolívia, Repsol produzia-o a um só dólar, já que se beneficiou de todos os investimentos, trabalhos de prospecção, exploração e desenvolvimento de campos realizados pelo Estado. Assim, investindo pouco, encontravam grandes quantidades de gás e petróleo, pagando de impostos só 18% do valor dos hidrocarbonetos à boca do poço. Além disso, a Repsol maquilhava as suas contas financeiras, burlava os fracos controlos estatais e apresentavam um nível de ganho por baixo do real para pagar menos impostos. Executivos desta petroleira gabavam-se a dizer que por cada dólar investido na Bolívia, obtinham 10. Entrementes, o povo pagava os carburantes como se fossem importados do Kuwait ou da Arábia Saudita.

Repsol YPF destruiu parques naturais e territórios indígenas

A Repsol tem concessões em 16 territórios

indígenas, em cinco parques naturais e em outras áreas protegidas que constituem os enclaves amazónicos melhor conservados do planeta e som dos mais ricos do mundo em biodiversidade de aves e anfíbios. As actividades da Repsol provocaram gravíssimos impactos negativos a nível ambiental por não terem adoptado as necessárias medidas para minorar o forte impacto ambiental, nem despoluir quando se produziram despejos poluentes, e a nível social, cultural e económico nas comunidades indígenas, que foram desprezadas, enganadas e sofrem graves problemas de saúde devido às actividades petrolíferas.

A hipocrisia europeia

Boa parte dos governos europeus, e a própria Comissão Europeia, reagiram com preocupação e desagrado perante esta decisão do Governo boliviano. Isto denota o código de valores e a ordem de prioridades destes

Governos, incluídos aqueles que se dizem de esquerda. Os Governos europeus antepõem salvar os interesses das empresas aos dos bolivianos e confundem os interesses dessas mesmas empresas com os dos seus países. Nenhum destes Governos se mostrou contrário enquanto as empresas violavam leis e decretos anteriores. Só agora, quando veem que estas empresas privadas podem perder uma parte dos seus benefícios, obtidos em grande medida sem respeitar a legalidade da Bolívia. Javier Solana falou da "insegurança jurídica" criada e dos prejuízos que pode causar à Bolívia a perda de investimentos estrangeiros. Até agora a presença de multinacionais na Bolívia não contribuiu em nada à erradicação da miséria, antes todo o contrário. E não há "insegurança jurídica" porque a decisão é avalizada na própria Constituição da Bolívia e apoiada pelos 92,2% dos votos no referendo vinculativo de 18 de Julho de 2004.

NOVAS DE ALÉM MINHO

NUNO GOMES / A proximidade do início da construção

da nova linha ferroviária entre o Porto e a Galiza tem gerado interesses múltiplos das autarquias na sua área de influência. Guimarães, que ficará fora de percurso do comboio rápido, planeia construir uma ligação ferroviária entre esta cidade e Braga (onde haverá uma estação da linha de velocidade elevada), com prolongamento para Barcelos e Esposende, e que ligará também os dois pólos universitários da

Universidade do Minho e o AvePark (situado entre Braga e Guimarães, nas Caldas das Taipas). O sistema a utilizar poderá ser o do metro de superfície.

A Geira Romana, o nome dado à via que ligava a cidade romana de Bracara Augusta (Braga) ao norte, tem vindo a sofrer obras de beneficiação. Grande parte do seu percurso do lado português está já transitável, faltando apenas a travessia do rio Homem para estar

completa. Um novo projecto, em preparação pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, contempla uma nova travessia, a ser construída em madeira sobre os pilares existentes. Junto ao museu de Vilarinho das Furnas será construído o Museu Romano, e já na fronteira, nas antigas instalações aduaneiras, será edificada a Galeria dos Miliários. Estas melhorias (orçadas em 2 milhões de euros, só do lado português) têm como objectivo final a classificação

da Via Nova como Património da Humanidade pela Unesco, previsto para 2008.

Abriu recentemente a nova Pousada da Juventude de Melgaço,

que tornará esta vila ainda mais atraiante para os jovens de toda a região, de ambos os lados do rio.

O feriado internacional do 1º de Maio trouxe ao Minho um número recorde de turistas. Isto foi causado pelo bom tempo que se veri-

cou e pela "ponte" provocada por o 1º de Maio ser este ano numa segunda-feira.

Uma recolha de contos galaico-portugueses,

promovida pela Junta da Galiza e pela Direcção Regional da Cultura do Norte, deu origem a dois livros e a uma "Estafeta do Conto", que irá divulgar os dois livros (mas também a literatura das duas regiões) pelas bibliotecas e escolas do Norte de Portugal e da Galiza.

A ameaça do tijolo e do cimento paira sobre a costa da Galiza

ALEXANDRE BANHOS

A GALIZA ESTÁ PARA ASSISTIR, COM AS BÊNÇONS DOS PODERES PÚBLICOS, COMISSIONISTAS CORRUPTORES E INTERMEDIÁRIOS CORRUPTORES, A UM DESENVOLVIMENTO EXPLOSIVO DA CONSTRUÇÃO NA SUA COSTA

Galiza nom é o território mais rico e desenvolvido da União Europeia; porém, nalguns campos apresenta índices difíceis de superar: quase 91 por cento das famílias galegas som proprietárias da sua morada e quarenta e seis por cento das famílias galegas tem umha segunda morada, percentagem que nom se alcança em nenhum lugar da Europa nem do mundo. O número de famílias que tem três ou mais moradas tamém é considerável. Porém, para compreender o seu alcance, esses dados devem pôr-se em relação com os movimentos de população internos e com um despovoamento de amplas extensões do interior do País.

Na Galiza há 180.000 habitações vagas nas zonas rurais, onde nom há pessoas para as ocuparem nem procura significativa sobre elas, nem para o alugar nem para a compra.

Nos anos 80 do século passado começou um processo explosivo de arranjo, melhoria, conservação ou construção de moradas nesse rural, por parte de gente que já nom morava nele mas que queria manter os laços com o espaço da sua formação como pessoas, e que contribuiu decisivamente a dar ao ramo da construção o papel que ele tem, tam importante nesse espaço, como primeiro gerador de emprego.

Nesses mesmos lugares existem, actualmente, da ordem de



outras 170.000 moradas, de jeito mais preciso há que dizer edificações em estado ruinoso e de abandono, para as quais nom existe nenhum plano de recuperação que muito bem podia ligar-se à recuperação do rural e à manutenção de umha actividade económica significativa nesse importante espaço.

O eixo Tui-Vigo-Ponte Vedra-Compostela-Corunha-Ferrol concentra cada dia mais a actividade económica do País, um país que está a perder o seu espaço rural tradicional, humana e fisicamente, e o qual, se nom se achar remédio, acabará por cair nas mãos de grandes empresas exploradoras da agrofloresta.

As novas gerações de galegos urbanos e castelhanizados, com o esforço nom pequeno dos seus pais, mais ou menos inconsciente, sentem-se cada dia mais alheios a

esse espaço afastado, onde nom acham nada que os ligue a um mundo que para eles é já em grande medida inexistente, ainda que isso sim, tem incutido o vírus galego de 'tenho que ter, a poder ser, umha segunda morada'.

A Galiza está para assistir, com as bênçons dos poderes públicos, comissionistas corruptos e intermediários corruptores, a um desenvolvimento explosivo da construção na sua costa.

Tem a Galiza umha costa formosa, uns Verões com muito sol, e um clima muito temperado. O desenvolvimento das comunicações de massas a grande escala e a um custo relativamente barato, e a ideia dessa compra ser em certa medida percebida nom só como pesado custo, mas tamém como um investimento, ou até umha possível renda realizável no futuro, isto é, um peculiar plano de

pensons transferível aos filhos, fai com que o círculo da população que procura o uso e consumo, um tanto peculiar do território, que é a sua urbanização, se alargue de modo considerável.

Hoje, a costa galega é apresentada como o espaço de ócio e investimento de mais futuro de castelhanos e madrilenos, frente ao modelo saturado da costa mediterrânica. Poderiam chegar tamém os da área do grande Porto e do eixo Porto-Lisboa, mas por aí nom vai o desenho de movimentação de grandes massas que se fai no Estado espanhol para o espaço ibérico.

O crescimento explosivo a que vamos assistir na pose e uso de barcos e barcas de todo o tipo, seguindo o modelo catalano-baleár, e do que a ria de Vigo começa a ser um bom indicío, ou ainda de jeito mais preciso o modelo náutico Bretom (mas com umha diferença a respeito da Galiza, já que ali o investimento em barcos nom vai unido directamente ao investimento imobiliário), vai empurrar tamém nesse sentido.

A instalação de máfias de todo o tipo na Galiza, do que é umha boa mostra o deslocamento da máfia russa de Mar-bela ao Vale Minhor, onde a pressom actual sobre o espaço de Monfero e outros locais privilegiados de essa comarca, tem por trás elementos dessa máfia e a sua lavagem de dinheiro nos investimentos do tijolo e do cimento nom

fam com que os agoiros sobre o nosso futuro como elementos residuais de empregados na hotelaria perfeitamente madrilenizada seja muito optimista. Os modelos Alfredo PP (Nigrám), Telmo PSOE (Sam Genjo); os modelos Porto Novo (bairro de Ourense), praia de Prageira ou Maior e a invasão de terreno proibido por ilegais, vam estar a estourar por toda a costa.

A Galiza necessita de leis precisas e claras, e que se apliquem, de protecção do solo rústico, bem muito escasso na Galiza (só 17 por cento das terras) e que nom se produz, pois deu-no-lo a natureza e nom podemos permitirnos o luxo de destruí-lo, assim como do espaço comunal.

Necessita de regular claramente os espaços intocáveis das nossas costas, e estimular um tipo de urbanismo com aldeamentos concentrados em terrenos marginais, onde o impacto de superfície destruída (urbanizada) por habitação seja mínimo, e desenvolver um projecto para valorizar essas 170.000 ruínas do nosso rural, levando para elas investimentos e povoação que tenham um impacto positivo, e nom seja destruidora do nosso rural. Isto último pode tentar-se; eu próprio e desde há uns 6 anos tenho delineado umha alternativa neste sentido. Só falta vontade política e desejo de levá-la a cabo.

Num próximo artigo exporei aos leitores essa alternativa.

galizalivre.org
O portal da Galiza em Internet

o pichel
centro social
rua santa clara, 21
compostela

ALTO MINHO
associação cultural
Rua Catezol, 15 - Apdo 280 Lugo
corraios@altominho.org
www.altominho.org

GLO
Rua Nôreas, 5
Lugo

GANDONGA
CAMPO CASTELO 26
LUGO

bar
faluya
Orzán 75,
A Coruña

RASE
Churruca 8 - VIGO

Roupa e complementos

ABANADO
Rua cervantes 19 vigo

O Estado espanhol impom umha sangria económica os independentistas
Neste país, dar a cara sae caro

Colabora contra a repressom económica
2091 0395 21 3040001337



A FUNDO

A urbanização maciça ameaça com converter grande parte da costa em couto privado para o turismo de luxo

CÁMARAS MUNICIPAIS E IMOBILIÁRIAS APOSTAM NUM DESENVOLVIMENTO URBANÍSTICO IRRACIONAL

Umha importante percentagem do território galego está a ser submetido desde há anos a umha pressom urbanística sem precedentes no Estado espanhol, nomeadamente nas zonas mais próximas do litoral. Importantes empresas imobiliárias espanholas e galegas compráron grandes quantidades de terreno com o fim de tirar suculentos benefícios das requalificações maciças que con-

templam a maior parte dos planeamentos municipais. As câmaras municipais veem nestas operações umha maneira muito eficaz de sanearem as suas depauperadas economias. A Galiza corre sério risco de converter-se numha grande cidade para o lazer de luxo. Meios de comunicação e sociedade já falam de 'marbelhizaçom' ou 'mediterraneizaçom' para se referirem a este fenómeno.

X. CAMORGA - H. C. / O profundo processo de mudança que está a viver o nosso país vai determinar e conformar o seu desenvolvimento futuro a meio e longo prazo. Os dados mostram que nos vindouros anos, coincidindo com a aprovação dos perto de setenta Planos Gerais de Ordenamento Municipal que tramitam as câmaras municipais costeiras, o País vai ampliar as suas dotações residenciais numhas 600.000 unidades, 35.000 das quais seriam moradias e apartamentos. Este número de habitações é superior ao de zonas como a Costa do Sol, paradigma mundial do 'boom' imobiliário derivado do turismo selvagem e da corrupção institucional associada, e representa 75% mais das existentes nos municípios costeiros galegos. Implicará passar das 816.000 vivendas actuais a mais de 1,4 milhões. Segundo as estimações, a maioria delas serão destinadas à segunda residência de cidadãos espanhóis e do norte da Europa. As mesmas análises estabelecem em mais de sete milhões a quantidade de residentes que deverá suportar o nosso território em determinadas épocas do ano.

O constante gotejamento de dados está a aumentar a preocupação de umha população que olha para municípios como Sam Genjo ou Porto Novo, onde aceder a umha habitação é tarefa praticamente impossível. A isto há que somar os irreparáveis danos que está a padecer o nosso meio natural, pondo às claras o tipo de política urbanística que se praticou neste país durante anos: desmesurada e irracional, ao tempo que carente de qualquer tipo de controlo e planeamento. O novo Governo bipartido anunciou que o próximo ano adoptará umha série de medidas destinadas a reconduzir a situação e evitar, na medida do possível, um crescimento urbanístico agressivo com o contorno e que contribui a atomizar a já de por si dispersa população galega, o que a bom seguro ajudará a precarizar ainda mais a deficiente rede de serviços do País.

Para fazer frente a esta situação começam a surgir movimentos cidadãos organizados que pretendem denunciar muitas das aberrações



As câmaras municipais encontram nestas operações umha forma de mitigar a suas precárias situações económicas. O último informe do Observatório da Habitação denomina este fenómeno como "urbanismo financeiro"

urbanísticas em andamento. Tal é o caso do Foro Social em Defesa do Povo de Cangas, da Agrupação de Defesa do Rural e do Urbano da Estrada, ou das associações Salvemos Monte Ferro ou SOS Ponte d'Eume.

Os especialistas consultados coincidem a assinalar que urgem medidas de controlo, ainda que a maior parte sustenha que talvez "já seja tarde", como o caso de ADEGA, que solicita a derrogação imediata da disposição que altera a Lei de Costas de 2002 e permite construir a menos de 20 metros do mar se o terreno é urbanizável. Nom há que esquecer que os numerosos PGOM previstos contemplam requalificações do solo que vam aumentar em mais de 80% a edificabilidade na faixa litoral. Neste sentido, a própria Direcção Geral de Urbanismo mostrou a sua preocupação depois de constatar as numerosas irregularidades cometidas polas administrações locais no seu afã por requalificar a maior quantidade de terra possível. Curiosamente, a qualificação ilegal de terrenos é o primeiro motivo da paralisação de normas urbanísticas por parte do

O País vai ampliar as suas dotações residenciais numhas 600.000 unidades, 35.000 das quais serão moradias e apartamentos. Um número superior ao da Costa do Sol, paradigma do 'boom' imobiliário derivado do turismo selvagem. Representa 75% mais das existentes nos municípios costeiros galegos. Implicará passar das 816.000 residências actuais a mais de 1,4 milhões

Governo galego, ao entender que os documentos municipais abusam da edificabilidade.

Desde o ano passado, a Junta já suspendeu o planeamento de municípios como Sada, Tui, Viveiro, Ponte Areias, Teio e Ogrove. Os casos mais recentes som os da Estrada e Boqueixom, paralisados por excederem as previsões de crescimento. Em Boqueixom, um concelho de pouco mais de 4.300 habitantes, o plano contemplava a construção de 3.000 vivendas. No caso da Estrada, a câmara pretendia actuar sobre mais de 7,6 milhões de metros quadrados de solo urbanizável, o que implicaria edificar mais de 51.000 habitações.

O sul está saturado

Estamos a observar como nos últimos tempos importantes empresas imobiliárias com sede em Madrid ou no Levante espanhol (Sacyr-Vallehermoso, Urbis, Lábaro, Pedro. J. Pedrajas, Metrovacesa, Promodeico) compram grandes quantidades de terreno na costa galega. A estas sociedades há que somar também outras de origem galego (Fadesa, Anjoca, Imobiliária Eume, Mon SL, Lar), que tampou-

co estão dispostas a deixar passar um negócio de tais dimensões.

Os especialistas consultados apontam diferentes causas para explicar este fenómeno: a saturação urbanística do Levante, a melhoria substancial das infra-estruturas e, paradoxalmente, a publicidade que deu ao País a catástrofe ambiental provocada polo afundamento do Prestige. Este sucesso facilitou que centos de pessoas de todo o Estado "descobrissem" um território quase virgem, de umha beleza extrema, e com um solo a preços muito baixos do ponto de vista comparativo. Só havia que aguardar o desembarco das grandes promotoras que desde havia anos tinham os olhos postos no nosso país.

A oportunidade chega-lhes da mão das câmaras municipais, que encontram nestas operações umha forma de "fazer caixa" e mitigar a suas precárias situações económicas. Nesta linha, o último informe do Observatório da Habitação, organismo formado polo Conselho Geral do Notariado e o gabinete Garrigues, denomina este fenómeno como "urbanismo financeiro". Conforme o documento, que recolhe a opinião de mais de cem especialistas, a corrupção existente neste sector "deve-se às administrações locais que dispõem de insuficiente financiamento". Esta circunstância leva os concelhos a utilizarem "procedimentos nom objectivos de transformação do solo" que geram "mais-valias e práticas especulativas públicas e privadas muito notáveis".

No caso destas práticas privadas, bem conhecidas e estendidas no País, empresários frustrados (ou nom) metidos a políticos aproveitaram para enriquecer. Conhecem o território e som os encarregados de gerir para as construtoras a compra dos terrenos, além de facilitarem e solucionarem os diferentes trâmites administrativos necessários para levar adiante os projectos.

Neste momento estão projectadas na Galiza umhas 45 grandes urbanizações, que significam a construção de mais de 400 habitações, e ainda de 17 campos de golfe de 18 buracos e 24 portos desportivos.



Na imaxe superior membros do Foro Social de Cangas protestan perante a sede da Autoridade Portuária. Em baixo, vivenda publicitada da urbanización Costa Anácar

O concelho de Minho, em venda

O exemplo do concelho corunhês de Minho é paradigmático porque albergará a maior urbanização da Galiza: Costa Anácar, projecto que a sociedade Fadesa está a construir entre as paróquias de Perves e Sam Joám de Vila Nova, com 1.500 habitações, um grande campo de golfe e um hotel. A obras afectam um total de 160 hectares de terreno, 4,5% da superfície do município.

A actuação está rodeada de polémica desde o começo e o Tribunal Superior de Justiça da Galiza acabou por anular a adjudicação feita pela câmara à imobiliária corunhesa. A sentença responde a um recurso apresentado em 2002 por um grupo de pessoas cujos terrenos foram expropriados para executar o complexo residencial. A sua intenção é impugnar a eleição do sistema de expropriação em lugar do de compensação, aduzindo que vários proprietários já acordaram com uma imobiliária fazê-lo desta maneira. Também impugnaram a concessão a Fadesa, ao entender que não se fiço um concurso real, já que só se apresentou esta empresa. O TSXG põe o acento no facto de que a câmara escolheu o sistema de actuação sem ter aprovado previamente o plano parcial correspondente. Contudo, a sentença é ambígua e não estabelece o maneira de aplicá-la nem mesmo se se paralisarem as obras. A empresa continua a trabalhar.

A génese deste projecto remonta-se a uns poucos anos atrás, sendo presidente da Câmara Municipal de Minho o 'popular' Deogracias Romeu, conhecido

pela sua intenção de transformar o município num "destino turístico de primeira ordem". Testemunhas recolhidas por esta publicação assinalam a Juan Herva, na actualidade responsável de Urbanismo da Câmara e vereador pelo Partido Popular naquelas datas, como "o homem de Fadesa". Curiosamente, a companhia corunhesa contratou um filho de Herva que exerce de advogado.

As mesmas fontes explicam que Juan Herva foi o encarregado de negociar com os proprietários a compra dos terrenos e preparar a documentação necessária para levar adiante o projecto, e que o concelho pujo toda a classe de facilidades. A relação da equipa de governo de Minho com o projecto de Fadesa é muito estreita e mesmo o presidente da câmara, Juan Antonio Maceiras, ex-delegado da Conselharia de Sanidade na Corunha e ex-director geral de Organização Sanitária do Sergas, tem reconhecido que possui uma parcela na urbanização.

As actividades de Herva à margem da Câmara são bem conhecidas por alguns vizinhos, chegando-o a relacionar com outros projectos na zona. Tal é o caso das outras duas urbanizações previstas em Minho: uma no Pinheiro e outra na Agra de Perves. Nos dois casos a empresa adjudicatária é Mon SL, sociedade administrada por Manuel Mon, ex-regeedor de Burela. Fontes do sector imobiliário asseguraram o NOVAS DA GALIZA que o próprio Herva costumava reunir-se com Manuel Mon num conhecido hotel corunhês.



A proliferação de passeios marítimos e portos desportivos contribuem à degradação da riqueza costeira

Rias Baixas: a urbanizar o que falta

A urbanização do primeiro quilómetro de costa nas rias do sul supera já a média estatal, situando-se em 25% do terreno, quase o dobro da percentagem de litoral urbanizado no resto do País. Precisamente esta área saturada prevê incrementar a sua edificabilidade notavelmente em quase todos os municípios, como o caso de Vigo, onde se planifica duplicar a capacidade para construir. O contestado PGOM da principal cidade galega, defendido por BNG e PP, será aprovado este mesmo mês. Elaborado pela empresa Consultora Galega SL, inclui 44 zonas onde construir edifícios de mais de quinze andares, a maior parte deles no litoral. A torre da ilha de Toralha deixará de ser o tecto viguês, que passará a estar em Guixar onde estarão situados dois prédios de 23 alturas. O espaço ocupado hoje polos frigoríficos de Beiramar será substituído por três edifícios de 20 alturas. Se se aprovar a nova planificação, abre-se a porta a um negócio de 25.000 milhões de euros que recebeu mais de 50.000 alegações e tivo que ser parcialmente modificado perante a pressão social. O último episódio da crise municipal encenou-se com a expulsão do vereador dos Serviços Sociais, José Manuel Iglesias (PP), por parte de Corina Porro, depois de que este solicitasse empreender obras para garantir a potabilidade da água que receberá a vizinhança a médio prazo. Os problemas de abastecimento de água e saneamento em geral são comuns a boa parte dos concelhos que programam urbanizar maciçamente o solo litoral.

Em paralelo ao crescimento viguês cresce a edificação no

O PGOM viguês inclui 44 zonas onde construir edifícios de mais de quinze andares, a maior parte deles no litoral. O tecto de Vigo passará a Guixar onde estarão situados dois prédios de 23 alturas

adjacente Vale Minhor, onde as redes especuladoras já atentaram contra vários eleitos nacionalistas e pessoas que criticavam publicamente a impunidade imobiliária. Baiona, Nigrám e Gondomar planificam passar de 40.000 habitantes a mais de 70.000 com o novo ordenamento territorial, que espera dar passagem às construtoras antes de que a Junta poda limitar a construção na faixa litoral. O centro da polémica situa-se na península de Monte Ferro, que será rodeada por uma ampla via que, conforme às denúncias vicinárias, será o primeiro passo para possibilitar a urbanização do único espaço natural que sobrevive na costa minhorana.

Outra das planificações contestadas pela população foi a de Cangas, onde o governo municipal tivo que recuar e redefinir um planeamento que ainda está a gerar polémica. Vizinhos e vizinhas continuam a paralisar obras através de mobilizações e o Foro Social em Defesa do Povo man-

tém numerosas iniciativas para deter agressões como as previstas na urbanização de Massó e Aldám pelo seu forte impacto. Neste mês apresentavam um novo recurso por "fraude à lei de contratação" contra a autorização da Autoridade Portuária para construir um porto desportivo em Massó a Residencial Marina Atlántica, que não tinha ganho o concurso prévio. A Câmara Municipal de Cangas recebeu três milhões de euros por assegurar requalificações de terrenos antes que se aprovassem e tem comprometidos com as promotoras receitas por valor de 11 milhões de euros. Com a agressiva 'via rápida' já construída, outro dos focos da polémica encontra-se em Moanha, onde a empresa Inter Burgo aguarda incrementar as dotações do campo de golfe de Domaio com um hotel, um geriátrico, pistas artificiais de esqui, um pequeno parque de atrações e campos de desportos. Inter Burgo Vigo SA forma parte de uma rede empresarial liderada por capital coreano fundada no Panamá. O seu corpo de accionistas distribui-se entre a divisom holandesa da companhia e outra com capital em diferentes países, para além da matriz (Inter Burgo SA), e capitais de Min Kwon Chul e Yung Ho Kwon, o seu administrador único. O modelo de Sam Genjo, onde 60% das habitações estão desocupadas a maior parte do ano, parece estender-se ao longo das Rias Baixas o que implica para as vozes críticas "entregar a nossa costa a turistas de alto poder aquisitivo, permitindo urbanizações e projectos irreversíveis que em poucos anos poderiam dinamitar o modelo de litoral e de país que conhecemos".



Multiplica-se o preço do solo na costa da Marinha

Na marca cantábrica sucedem-se os projectos de urbanização maciça, que só este ano preveem levantar 6.000 novas habitações, número que se veria triplicado se prosperarem as edificações pendentes de aprovação. Com base em dados fornecidos pelas imobiliárias, nos últimos três anos o preço do solo incrementou-se em 50%. No entanto, no caso de Jove, o valor multiplicou-se por 10 num único ano. O metro quadrado, que em 2004 custava uma média de 36 euros custa agora 360. Nesta localidade, onde se projectam numerosas construções, o próprio regedor local, Jesús López González (PP) ordenou paralisar uma urbanização de 1.500 habitações na praia de Esteiro. E em Viveiro, governado pela coligação PSOE-BNG, a Câmara Municipal solicitou à Junta que suspendesse a concessão de licenças de obra no concelho perante a pressão das promotoras imobiliárias. Com base a fontes especializadas, as infra-estruturas de abastecimento de água e de saneamento som hoje insuficientes para

satisfazer a procura que se há de gerar com os novos moradores.

Um exemplo claro de urbanização descontrolada encontra-se em Burela, que suporta uma densidade populacional superior aos 100 habitantes por quilómetro quadrado e em número de habitantes é o terceiro núcleo urbano da província de Lugo, só por detrás das cidades de Lugo e Monforte de Lemos com mais de 8.300 habitantes numa superfície de oito quilómetros quadrados. Um dos grandes beneficiados pelo aproveitamento urbanizador do solo foi o seu ex-presidente, Manuel Mon, empresário da construção que deixou a Presidência da Câmara em Março de 2005 para dedicar-se em exclusiva aos seus negócios.

A faixa costeira da Marinha está a atrair numerosos compradores de segunda habitação que aproveitam a diferença de preços desta zona frente aos da costa das Astúrias e Cantábria, da mesma forma que as empresas que construíam na costa levantina e os habituais compradores põem agora os olhos na faixa atlântica da Galiza.



Em cima, urbanização prevista e denunciada no litoral de Ponte d'Eume. Na fotografia inferior, porto desportivo de Sam Genjo, modelo de cidade que começa a proliferar nos desenhos dos PGOM's de numerosas localidades

Costa da Morte, do piche ao cimento

Na localidade de Mugia, como informámos no número 29 deste jornal, está prevista a construção de 940 habitações em cinco zonas requalificadas destinadas a casas de luxo e urbanizações residenciais, das quais beneficiarão 'sócios' do PP. Assim, os cunhados e um sobrinho de Alberto Blanco, o presidente da Câmara, subérom onde comprar os terrenos que vão ser requalificados. Também entram no pacote urbanizável espaços dos Montes de Chorente, sob protecção paisagística, a maior parte deles propriedade do companheiro sentimental da vere-

adora da Cultura, Ramón García. Só neste espaço serão construídas 200 habitações em 230.000 m², para além das 740 previstas noutras quatro zonas requalificadas, principalmente em Enfesto.

Em Camarinhas a câmara municipal travou a construção de um campo de golfe que incluía mil apartamentos, enquanto existem planos para construir várias instalações deste tipo ao longo da Costa da Morte e as Rias Altas, que está a ver triplicado ou quadruplicado o preço dos terrenos. De forma semelhante à de Mugia, em Fisterra por-ám-se à venda 500 habitações em breve.

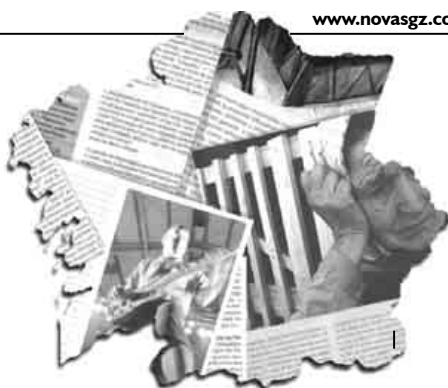
Imobiliária Eume, sem complexos

Uma notícia promocional publicada por El Mundo anunciava os objectivos da Imobiliária Eume, gabando-se de ter centrado a sua estratégia no litoral corunhês e estar a estudar "novas oportunidades" na costa marinhá, prevendo aterrar em Ponte Vedra a longo prazo. A empresa, do Grupo Lagares, promove a compra de segundas residências dirigidas a espanhóis, de facto, 90% dos seus compradores procede de Madrid. Asseguram que o reclamo turístico se vê "favorecido pelas vias de comunicação e o facto de que cada vez chove menos". No promocional destacam que "tal é o interesse que está a despertar este destino como alternativa à saturada costa mediterrânea que as empresas oriundas da região som cortejadas constantemente por investidores à procura de solo", ao tempo que se mostram "dispostos a trabalhar com outro sócio", em palavras do seu gerente, Álvaro Pinheiro.

Imobiliária Eume SL está a construir 300 casas e conta com reserva de solo para outras trezentas. O seu negócio está a atravessar um bom momento, especialmente nos últimos dois anos. Passou de declarar vendas por valor de 1.514.107 euros em 2003 a facturar 7.064.595 euros no balanço de 2004.

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 699 268 032

NOVAS DA GALIZA



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a
NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

Subscrição + livro = 25 € 1 Ano, 12 números = 20 € Assinante Colaborador/a = ___ €

Nome e Apellidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

Nº Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

REPORTAGEM

AS TÉRMICAS DAS PONTES E DE MEIRAMA ULTRAPASSÁROM OS LIMITES DE EMISSONS ESTABELECIDOS EM TONELADAS DE CO2

Galiza um ano depois de Quioto: a tendência que nom se inverte

SOLE REI / O dia 22 de Abril comemora-se o Dia da Terra, dedicado nesta ocasiom à mudança climática. Porém, um ano e dous meses depois da entrada em vigor dos acordos internacionais estabelecidos em Quioto em 1997, a data nom deu para aplaudir a reduçom das emissons de gases poluentes causadores do aquecimento do Planeta. Antes polo contrário.

O Protocolo de Quioto fixou como objectivo diminuir em 8% estas emissons sobre os níveis de 1990 no conjunto dos países assinantes no período 2008-2012, aguardando que o ano que já passou e os seguintes servissem para ir assentando as bases que permitissem inverter a que até a altura foi umha tendência crescente no lançamento para a atmosfera de CO2, fundamentalmente. Nom assim, as emissons na Galiza deste gás superárom em 18% a quota máxima permitida em 2005. A maior parte da responsabilidade foi para a Endesa e a Uniom Fenosa, que libertárom polas chaminés das centrais das Pontes e de Meirama 28% de CO2 mais do que lhes correspondia.

As centrais térmicas galegas aglutinárom 75% dos direitos de emissom outorgados polo Plano Nacional de Assinaçom (PNA), ficando 25% restante para outros sectores, como refinado de petróleo, co-geraçom, cimenteiras, cerâmica, pasta de papel, metalurgia e vidro, representados por indústrias como a ENCE, Repsol YPF, Cementos Cosmos, Megasa Siderurgia, Siderúrgica Anhom e os grupos de geraçom dos polígonos de Nostiám e Sabom. O PNA fixara inicialmente a quota de emissons para a Galiza nos 34 milhões de toneladas de CO2 para o período 2005-2007 que, após pedidos de revisom, fôrom ampliados até os 40,75, resultando Endesa e Fenosa as principais beneficiárias, com 1,6 milhões de toneladas acima do previsto. Ainda assim, o favor nom lhes fixo cumprir com a legalidade; As Pontes acabou o ano passado com um excedente de 1,4 milhões de toneladas de dióxido de carbono emitidas, e Meirama fixo-o com 1,2 milhões. Para termos umha ideia mais clara: segundo dados do Registo Europeu de Emissons Contaminantes (EPER), as emissons da térmica das Pontes som similares ou mesmo superiores às de pequenos estados como



As centrais térmicas galegas -Endesa As Pontes na imagem- aglutinárom 75% dos direitos de emissom outorgados polo Plano Nacional de Assinaçom (PNA), ficando 25% restante para outros sectores, como refinado de petróleo, co-geraçom, cimenteiras, cerâmica, pasta de papel, metalurgia e vidro

A tonelada de CO2 passou dos 30,15 euros aos 11,40 em sete dias. Para plantas como as de Endesa e Fenosa é mais rentável adquirir direitos no mercado do que adequar as suas instalaçoms para o emprego de matérias primas menos nocivas

Chipre, Luxemburgo ou a Lituânia. Mas o assunto nom fica por aqui. Endesa e Fenosa estão a importar carvom para manterem as produçoms eléctricas das Pontes e de Meirama, o combustível fóssil que mais CO2 lança para a atmosfera. Essa importaçom realiza-se em barco até os portos da Corunha e Ferrol, e depois por terra até cada umha das centrais, com o qual às quantidades de gases contaminantes libertadas para a atmosfera polas chaminés

das térmicas deve-mos acrescentar as derivadas deste transporte contínuo. Cabe assinalar que as emissons de GEI (gases de efeito de estufa) procedentes do transporte temem vindo a aumentar nos últimos anos a um ritmo de 5% anual, atingindo actualmente 22% do total de GEI do Estado. De acordo com um cálculo realizado por WWF Adena, se a central das Pontes fosse alimentada com gás natural emitiria 7,2 milhões de toneladas menos ao ano, 68% abaixo da quantidade actual.

Efeitos para o Planeta e para as espécies que o habitam

As evidências de que a mudança do clima é já umha realidade nom escapam à vista. Nos últimos anos a Primavera está a adiantar-se, o Verao vai mais além dos três meses de rigor e os Invernos encurtam-se. Tanto as temperaturas máximas como as mínimas temem-se tornado mais extremas do habitual, e a miúdo dias de chuva e frio alternam com outros de calor que nom semelham atender a nenhum tipo de lógica.

Todas estas mudanças, para além de desembocarem em grandes catástrofes ambientais como inundaçoms a grande escala ou secas dramáticas, demasiado distantes geograficamente da Galiza

(ainda que nom nos exima isso de parte de responsabilidade na sua causa) podem provocar, e de facto estudos ambientalistas assim recolhem que acontecerá, mudanças que poderiam levar à desaparicçom de muitas espécies animais e vegetais. Por pôr um exemplo: o facto de a Primavera se ter avançado tem provocado que muitas plantas floresçam antes, dando antes os seus frutos. Por outra parte, o aquecimento global está a provocar que as aves migratórias adiem a sua viagem para o sul, que nalgumas ocasioms já nem sequer se produz, algo que, unido ao dado anterior pode trazer conflitos entre espécies polo alimento. Assim, pensamos nas cadeias tróficas e na dependência de umhas espécies das outras, é fácil adivinhar possíveis alteraçoms nos ecossistemas.

Por outro lado, um estudo realizado pola consultora inglesa EMRC sobre o impacto na saúde humana das emissons de grandes focos contaminantes, situa a térmica das Pontes como o foco europeu com um maior perigo deste tipo, devido às contínuas exalaçoms de óxidos de nitrogénio e dióxido de enxofre, e assinala umha média de 19.000 anos de vida de pessoas perdidos por ano. A central de Meirama ocupa o

lugar número 24 da listagem, com 4.400 anos perdidos por ano.

O comércio de emissons

Recentes dados da Conselheira do Meio Ambiente cifravam o montante que deveria pagar a Galiza polo seu excedente de GEI em 90 milhões de euros. Porém, nas últimas semanas o preço da tonelada de CO2 caiu no mercado internacional até 62% devido ao excesso de oferta na bolsa criada ao abeiro de Quioto para as empresas poderem negociar com o seu excedente de emissons. Assim, a tonelada de CO2 passou dos 30,15 euros aos 11,40 em apenas sete dias, o que fai com que para plantas como as galegas de Endesa e Uniom Fenosa seja mais rentável adquirir direitos neste mercado do que adequar as suas instalaçoms para o emprego de matérias primas menos nocivas que o carvom, como seria o gás natural. Cabe assinalar que o excedente de emissons procede de indústrias que nom o temem empregado, o que de um ponto de vista global deveria ser um dado positivo, mas implica também a possibilidade de que quem mais contamina continue a fazê-lo com todas as facilidades e com as consequências para o seu entorno mais próximo.



OPINIOM

A LOE como parte de um processo global

HENRIQUE DO BOSQUE



Para analisar a actual Lei Orgânica de Educação é preciso compreender as mudanças e as tendências que nos últimos anos se estão a produzir no âmbito económico, social e laboral no contexto internacional. Por todos é sabido que a educação desempenha um papel de aparelho reprodutor das condições sociais e que, dependendo das épocas ou das circunstâncias, pode ser mais relevante o aspecto ideológico ou o vinculado ao desenvolvimento das forças produtivas, quer dizer, a esfera económica.

A relação histórica entre sistema educativo, estrutura de classes e modelo económico é inquestionável; a aparente neutralidade dos sistemas educativos e da normativa que os regulamenta não é mais do que uma miragem.

Devemos situar-nos no momento histórico a partir do qual os modelos educativos adquirem a forma que hoje em dia têm:

A crise económica que estala em meados dos anos 70 implica uma paragem do lento, mas constante, incremento anterior em investimentos educativos.

A partir destas datas a Mesa Redonda dos Industriais Europeus, a OCDE e o BM começam a publicar dúzias de informes e recomendações reclamando uma mudança na ordenação dos sistemas educativos, a renovação e remodelação dos seus objectivos e programas e denunciando o fracasso da escola, ao mesmo tempo que exigiam e exigem a adaptação urgente do ensino às necessidades da economia e da empresa.

Mostra-se já sem reboços, de maneira explícita e evidente, a ligação da educação ao sistema económico e vai-se mostrar fundamentalmente de dois modos: a) como a instituição ou organização educativa fornecedora de mão-de-obra para o aparelho produtivo e b) como mercadoria de enorme potencial.

Assiste-se a uma mutação de envergadura do modelo, reorientando-o a um reajustamento permanente segundo os vaivéns das crises e dos interesses do capital; reajustamento que obriga a enfraquecer e a eliminar todas as condições que limitem a expansão dos benefícios dos grupos detentores da riqueza. O domínio da economia situa-se no centro da vida individual e colectiva.



Assiste-se a uma mutação do modelo, em reajustamento segundo os vaivéns das crises e dos interesses do capital; que obriga a enfraquecer e a eliminar as condições que limitem a expansão dos benefícios dos grupos detentores da riqueza

A orientação dos objectivos para a empregabilidade, formando trabalhadores flexíveis. O mercado laboral exige uma mão-de-obra com uma grande variedade de qualificações e competências, adaptável às mudanças frenéticas dos ritmos de produção; sem estabilidade, disposta a assumir a insegurança e a precariedade; que seja capaz de incorporar rapidamente os avanços científicos e as novas tecnologias.

Há um abandono progressivo dos objectivos cognoscitivos, que som mudados por objectivos competenciais; a repercussão nas classes populares é mais do que notória já que dispõem de menos mecanismos para compensar as carências sócio-económicas.

É preciso diversificar, diferenciar, segregar. Nem conhecimentos universais, nem para todos. A crítica ao igualitarismo configura-se como um elemento essencial da nova pedagogia elaborada pela classe empresarial. Os trabalhadores não devem ser formados para exercerem uma especialidade, mas para poder ser reconvertidos permanentemente.

Os docentes devem preocupar-se, não tanto pelos conteúdos, como pela eficácia e utilidade dos procedimentos para a inserção na vida laboral do seu alumnado. A quem pode surpreender a ligeireza com que som leccionadas disciplinas afins? O próprio docente se desprofissionaliza e o mundo económico marca os conteúdos e os procedimentos.

O mercado laboral necessita de uma mão-de-obra desqualificada para a realização de múltiplas tarefas desvalorizadas, desregularizadas e mal retribuídas. Também precisa de uma reserva laboral com altas qualificações

Adianta-se, cada vez mais, a escolha por parte do alumnado, que é pressionado para optar por itinerários cada vez mais novos.

Outro termo que se repete sem parar é o da aprendizagem ao longo de toda a vida. Mas, quem não se forma durante toda a vida? Este conceito mascara finalidades menos apresentáveis como a de justificar menos educação pública, flexibilizar os modos de aquisição de conhecimentos para que possam ser leccionados aceleradamente por instituições controladas pelo mundo empresarial e responsabilizar os indivíduos do seu nível de formação e,

final, do seu êxito ou fracasso.

Na actualidade, o mercado laboral necessita de uma mão-de-obra desqualificada para a realização de múltiplas tarefas desvalorizadas, desregularizadas e mal retribuídas. Também precisa de uma reserva laboral com altas qualificações que ocupe postos com mais relevância técnica, mas com amplas competências para dar resposta às variadas tarefas que se lhe podem encomendar; reserva laboral que, ao ser excedentária, pressiona fortemente sobre os salários na sua totalidade.

Um incremento nos níveis educativos não implica necessariamente, como dizem os informes da OCDE, um elevado número de indivíduos bem sucedidos, mas um incremento das exigências para ser explorado. O verdadeiro êxito social e económico, gera-se noutros espaços e âmbitos da vida ocupados pela burguesia.

Outra das chaves demandada nas reformas é a de autonomia dos centros educativos e a diversificação das fontes de financiamento.

Autonomia significa, neste contexto, romper o cordon umbilical com o Estado. Dispor de centros educativos à carta para poder escolher no supermercado da formação: projectos educativos diferenciados, diversidade de instalações, meios didácticos, recursos pedagógicos e materiais para as fantasias ou realidades do triunfo. O Estado não deve tutelar, congelar orçamen-

tária e arranja-te como puderes. Que as famílias, as associações, quem quer que seja, carreguem com o custo de um ensino que deveria ser gratuito. Mas a competir com uma rede privada, que ademais é uma actividade empresarial subsidiada. Liberalismo? Desde o ano 1995 a OMC e o seu predecessor o Acordo Geral sobre Comércio de Serviços não cessam na batalha por privatizar totalmente a actividade educativa.

O ensino como negócio, como mercadoria. No mundo mais de 2 biliões \$ de gasto público em educação; mais de mil milhões de alunos em todas as etapas; 50 milhões de docentes; centos de milhares de centros. Na OCDE gastos anuais de 1 bilião de \$, 4 milhões de docentes; 80 milhões de alunos; 320.000 centros: Um mercado promissor que ou se entrega directamente para a sua exploração ao capital ou se abre à penetração das empresas no espaço escolar, com publicidade, esponsorizações, dotação de material, aluguer de instalações, etc.

Assistimos, da mesma maneira, à privatização na gestão a ao retrocesso na participação democrática. Trata-se de restringir a capacidade de decisão dos docentes e do resto da comunidade educativa. Ter as mãos livres para organizar empresarialmente o centro escolar, sem oposição visível. Incorporam-se técnicas de controlo de qualidade e de eficácia; sistemas de avaliação próprias de actividades orientadas à obtenção de benefícios económicos. Pode o sistema público medir-se com estes instrumentos? Introduzem-se critérios de rentabilidade, mas... qual é a mercadoria fabricada?

A LOE é o último degrau neste processo que, no Estado espanhol, tem os seus começos na década de 70 com a LXE, continua com a LOECE (1980), tenta ralentizar-se com a LODE (1985), mas torna-se imparável com a LOXSE, a LOPAGC socialista e com a LOU, LFP e a LOCE do PP.

A LOE recolhe e continua estas tendências, com uma semelhança enorme às anteriores leis do Partido popular, apesar da farsa e do espectáculo desenhado pela direita e a cristandade que ninguém hoje duvida que estão tremendamente satisfeitas ao se manterem intocáveis os seus privilégios e expectativas.

ANÁLISE

Repórteres sem Fronteiras, defendendo a liberdade de imprensa ou a liberdade de empresa?

Apresentada perante a sociedade como umha ONG que defende a liberdade de imprensa a nível internacional, Repórteres Sem Fronteiras cumpre o papel de vigilante dos interesses dos EUA e o sistema capitalista no âmbito da comunicação. Com secretário geral vitalício e um enorme financiamento pouco clarificado, esta organização foi expulsa da Comissão de Direitos Humanos da ONU em 2003 por praticar "actos incompatíveis com os princípios e objectivos da Carta das Nações Unidas". Enquanto a concentração empresarial dos meios favorece o monopólio da informação e impede de facto a livre expressão no Ocidente, Repórteres Sem Fronteiras limita o seu campo de denúncia aos países que o Estado norte-americano considera inimigos.



Robert Ménard foi acusado de ser agente da CIA polo jornalista canadiano Jean Guy Allard, quem o acusa de manter vínculos com círculos da extrema-direita

CARLOS BARROS / Repórteres Sem Fronteiras nasceu na França de 1989 como organismo que se propunha velar pola liberdade no exercício do jornalismo em todos os países do mundo, e para isto iria elaborando relatórios anuais e desenvolveria campanhas em favor da liberdade de expressão. Mas o pretenso altruísmo dos seus princípios, e sobretudo a sua independência, perdem consistência se repararmos nos mecenados que lhe permitem dispor de mais de 4 milhões de dólares cada ano, identificados com interesses políticos e empresariais. Entre os seus contribuintes encontra-se a estado-unidense Fundação Nacional para a Democracia, considerada o aparelho civil da CIA; a Fundação Freedom House, presidida polo cubano vinculado à espionagem norte-americana Frank Calzón; e ainda as empresas mais destacadas dos círculos anti-socialistas de Miami. Fabricantes de armas franceses, grandes oligopólios mediáticos a nível internacional e governos ocidentais contam-se também entre os padrinhos financeiros.

Oficialmente, afirmam que 48% das suas receitas provêm da venda de publicações e material, algo que em 2003 implicou 1.984.853 de euros declarados com base na comercialização de calendários, umha quantidade desproporcionada detrás da qual se esconde o financiamento oculto da organização, que só destina 7% do seu orçamento à ajuda directa a jornalistas e centra os seus investimentos na propaganda.

A empresa que desenha as suas macrocampanhas de forma gratuita é Saatchi & Saatchi, um dos três baluartes de Publicis Groupe SA, o quarto gigante da comunicação mundial e o primeiro de França que tem como principal cliente o exército dos EUA. A fortaleza deste grupo mediático concede um tratamento privilegiado aos comunicados que levam o seu carimbo, o que explica a relevante presença mediática desta ONG e o silêncio informativo perante as réplicas de governos

como o cubano e o venezuelano, especialmente assediados por Repórteres sem Fronteiras (RSF).

Robert Ménard, o seu secretário geral vitalício, foi acusado de ser agente da CIA por diferentes vozes internacionais, entre as quais destaca o jornalista canadiano Jean-Guy Allard. Conforme as pesquisas deste, Ménard mantém vínculos com círculos da extrema-direita radicados em Miami e dissidentes cubanos "identificados polo próprio FBI como terroristas".

Repórteres sem Fronteiras já nom está acreditada perante a ONU, que lhe retirou o patrocínio em 2003 e decretou a sua exclusão como entidade consultiva da Comissão de Direitos Humanos por boicotar umha reunião deste organismo repartindo panfletos contra a presidência líbia.

Cuba e Venezuela, alvo preferencial
Os aparelhos informativos da CIA em Cuba e na Venezuela trabalham

em contacto directo com Repórteres sem Fronteiras, segundo diferentes estudos críticos. A respeito da ilha centro-americana, RSF protagonizou recentemente umha campanha contra o turismo utilizando a própria imagem do Che. Patrocinam a dissidência e defendem como "jornalistas independentes" vários agentes da inteligência norte-americana detidos quando se demonstrou este facto. O caso da Venezuela é muito representativo, especialmente por se tratar de um país no qual a imensa maioria de meios impressos e audiovisuais defendêrom sempre os interesses do empresariado sem ver coartada a sua liberdade. O objecto da crítica actual está na aprovação de leis que permitiriam intervir o Estado contra meios de comunicação que "incitem a sublevação armada", como aconteceu no fracassado golpe de 2002 contra Chávez, legislação que nom teria carácter noticioso em qualquer outro país alinhado com os interesses dos poderes económicos e políticos. O informe de 2004 recolhia que 12 jornalistas perdiam a vida no México, Brasil e Peru, mas Cuba continuava a ser a principal ameaça para os jornalistas na América Latina para a RSF.

Optimismo no caso do Iraque

O período analisado por este informe coincidia com a morte de 44 jornalistas no Iraque, enquanto a análise deste organismo falava de umha "nova era de liberdade para os jornalistas iraquianos" após a ocupação militar do país. A RSF aplaudiu sem reparos o bombardeamento ilegal do Ministério da Informação do Iraque e nom questionou os ataques a Abu Dhabi TV e Al Jazeera, cuja delegação tinha sido encerrada. Curiosamente, o Iraque ocupa o posto nº 17 na classificação mundial de Repórteres em relação à liberdade de imprensa, enquanto a Venezuela desce até a 77ª posição.

Quanto ao assassinato do jornalista José Couso, a ONG chegou a desculpar o exército estado-unidense polo disparo do projectil contra o Hotel Palestina de Bagdad, o que fijo com que a família do operador de câmara denunciase o papel do organismo e solicitasse a sua retirada da acusação para exigir a investigação do sucesso.

As excepções som regra quando se trata de jornalistas nom identificados com o ordenamento vigente. Assim, o relatório de 1999 obviava citar o assassinato de 16 jornalistas de meios impressos e audiovisuais num bombardeamento da NATO, e a RSF mantém silêncio perante as brutais torturas a que foi submetido o jornalista sudanês de Al Jazeera Sami Al Haj, ainda hoje preso em Guantánamo, ou perante o processamento de Taysir Alony.

A mordaza informativa

Como firme defensora da liberdade empresarial, Repórteres Sem Fronteiras nom se atreve a questionar a ameaça que implica para a liberdade de imprensa a crescente concentração dos meios de comunicação, cada vez em menos maos e cada vez mais dependentes do grande capital, o que uniformiza as linhas informativas e afoga as versões alternativas ao estabelecido da realidade nacional e internacional. Com a informação como mercadoria, a regulação informativa corresponde às leis de um mercado que tem donos e interesses bem identificados. O jornalista José Manzaneda é claro nas suas conclusões sobre a RSF, que define como "umha organização sustentada económica e politicamente polos maiores depreadores da liberdade de informação no mundo (...). Nom em vao o diagnóstico desta ONG acerca dos lugares onde a liberdade de imprensa está mais ameaçada coincide à letra com o do Departamento de Estado de Washington".

revira
local social
Arcebispo Malvar 33 Ponte Vedra

A Peneira
Xornal Galego de Información Xeral
A Peneira Cabaceiras Comarcals
A Peneira do Condado/Paradanta
A Peneira da Lourinha

RENOVAÇÃO
EMBAIXADA GALEGA DA CULTURA
Apartado 24034 - 28080 - Madrid

CASA DAS CRECHAS
Via Saera, 3 - 15704 Compostela
info@casadascrechas.com

CULTURA

Curiosos 'falaris' galegos

A sul do Douro, ao longo da fronteira lusa, existem quatro enclaves de língua galego-portuguesa

EDUARDO MARAGOTO / *Ou isso se pensava, porque na seqüência da proposição nom de lei apresentada por Bieito Lobeira (BNG) que provocou um conflito institucional com a Junta da Estremadura, começaram a proliferar opiniões sobre a filiação destes falares para todos os gostos. Mais galegos? Mais portugueses? Mais leoneses? Mais ou menos castelhanizados?*



Val Verde do Freixo

A proposta de Lobeira limitava-se a pedir a assinatura de convênios com as autonomias onde existem comunidades galegófonas, para a promoção da língua através da leitura ou nos meios de comunicação locais. Só que desta vez também eram referidos os já famosos 'três lugares', na fronteira de Cáceres com Portugal: Val Verde do Freixo, Elhas e Sam Martinho de Trebelho.

Em cada umha das três localidades, os seus falantes dim expressar-se noutras tantas variedades conhecidas por valverdeiro, lagarteiro e manhego, agrupadas pola lingüística como dialectos galego-portugueses com traços leoneses (castelhanos nom, segundo alguns, porque nunca ali chegou). Ao todo, 5.000 falantes. A insuficiência da proposta residia no facto de se limitar o pedido a

só um dos quatro enclaves galegófonos da fronteira lusa a sul do Douro. Os excluídos: Olivença (Badajoz), Alamedilha (Salamanca) e Ferreira de Alcántara (Cáceres). Esquecimento? Seguidismo acrítico das posturas isolacionistas? O certo é que, num assunto em que o lógico seria a cooperação da Galiza e Portugal, como anunciava o acordo de governo, volta-se a jogar a carta da língua minoritária.

Reacções

Reacções como a estremenha nunca tal se viram. À pretensão do Bloco, que como proposta mais agressiva considerava a possibilidade de os meios de comunicação galegos darem cobertura informativa a essas comarcas, a Junta de Ibarra

respondeu com frases como esta: "[Rejeitamos] as fantasiosas premissas sobre as quais assenta o delírio imperialista dos nacionalistas galegos". Até Tourinho falou de "resposta desproporcionada".

Falares galegos ou galego-portugueses

Mas com o conflito chegou outra polémica, em grande parte motivada pola resposta estremenha, segundo a qual nom se trata de dialectos galegos mas galego-portugueses. O Bloco aceitou essa correcção, ao replicar à Junta de Ibarra que a matização implica o reconhecimento da galegitude dos falares, mas nalguns meios a confusom estava longe de acabar: isoglossas colocadas ao livre arbítrio dos 'isoladores' voltavam a servir para alimentar a ideia de um galego oposto ao português desde as origens.

Só que, desta vez, a 'descoberta' pode voltar-se contra os seus propaladores: nunca fora tam evidente que, para Fernández Rei ou Henrique Costas, o reintegracionismo é possível, apesar das centenas de quilómetros que nos separam dos 'falaris'. Isso sim, circunscrito às fronteiras do Estado espanhol.

VA-CA cessa a sua actividade de 'descolonização mental'

GERARDO UZ / Coincidindo com o 160º aniversário do fuzilamento dos Mártires de Carral – como eles próprios lembráram –, a Via Anti-Colonial Activa (VA-CA) deu fim à sua actividade após quatro anos de 'descolonização mental' dos galegos e galegas através da sua página web (www.va-ca.org). No seu derradeiro post, a equipa da VA-CA joga aos equívocos e às metáforas, comparando a morte

dos responsáveis do colectivo – os 'subcomediantes' – com um ataque suicida contra "as sedes das quatro deputações galegas, o conselho comarcal do Berzo e a casa consistorial de um dos Três Lugares, quepor enquanto nom foi identificado". Por essa razão, também deturpam a famosa frase atribuída a Moncho Reboiras – militante nacionalista assassinado em Ferrol – para berrarem "que importa que nos matemos se

deixamos semente de vencer!!!". A decisom de cessar a actividade – que por enquanto nom implicou o encerramento da página – foi seguida de quase um cento de comentários de dónos dias imediatamente posteriores do estilo "a VA-CA deixa-nos órfãos de leite depois de quatro anos descolonizando as mentes zómbicas galegas" ou "imolaríamos subcomediantes, mas nascêrom mitos".

Margarita Ledo, eleita nova presidenta da Lusocom

Grande arquivo fílmico lusófono ficará na capital galega ao dispor das pessoas interessadas



Margarita Ledo é professora na Faculdade de Jornalismo de Compostela

REDACÇÃO / A jornalista galega Margarita Ledo Andión (Castro do Rei, 1951) foi eleita nova presidenta da Federação Lusófona de Ciências da Comunicação (Lusocom) após o recente congresso realizado por esta instituição na capital galega. Desta forma, a catedrática de Ciências da Comunicação e Publicidade substituiu o português Manuel Paquete de Oliveira à frente de umha das mais importantes associações jornalísticas do âmbito lusófono.

Nom parece casual a eleição se olharmos atrás, para o começo deste ano, quando a Lusocom afirmou que seria umha entidade dinamizadora do audiovisual lusófono. De facto, Margarita Ledo tem-se destacado nos últimos anos como umha incansável criadora no âmbito documental. Em 2004 fijo o guiom e dirigiu Santa Liberdade, relato de como um grupo de galegos e portugueses assaltárom este barco português como desafio às ditaduras de Salazar e de Franco. Já em 2005 dirigiu a

série de curtas-metragens Há que botá-los e este mesmo ano apresentou Fala e Terra desta Minha Terra. Manuel Maria, em homenagem ao dramaturgo e escritor da Terra Chá. Actualmente, trabalha num documentário sobre o general galego Henrique Lister.

Arquivo de filmes lusófonos

Para além da eleição de umha galega para presidir a Lusocom, o último congresso desta associação deixou outra boa notícia na Galiza: a USC ficou com um arquivo fílmico composto por quase 600 obras, 55 das quais fõrom exibidas durante este encontro. Este catálogo compom-se de fitas de ficção, séries de televisão e documentários da Galiza, de Portugal, do Brasil e da África Lusófona. Segundo confirmárom ao Novas da Galiza os responsáveis galegos pola organização deste evento, todo o material estará ao dispor das pessoas interessadas na mediateca da Faculdade de Jornalismo mal finalizem as tarefas de catalogação.



ENTRE LINHAS

MARTIN WU, VOCALISTA DE THE HOMENS

"Estamos convencidos de que se pode fazer pop de esquerda"

DANIEL SALGADO / Na lapela do casaco de Martín Wu – voz e guitarra de The Homens, dous epés auto-editados: #1 e #2 – entorna-se a face de um Elvis Costello moço e o anagrama dos Buzzcocks. Eis um óptimo resumo da estirpe sonora do grupo de Santiago DC – assim escrevem o topónimo, homenagem, se calhar, à cena hard-core de Washington DC: a new wave inglesa de finais de setenta, quando melodia pop e urgência punk cristalizáron numha fornada de cançons dificilmente repetível. Mas The Homens actualizam e ampliam o assunto – transcorrêrom quase 30 anos e muita música –, cantam em galego e, por boca de Martín Wu, reivindicam a “ultramodernidade dos Resentidos, o grupo fundacional do rock galego”. Wu nom permite que na entrevista se silencie “que os Samesugas som a melhor banda de rock-'n'-roll da Galiza”.

De onde vindes sendo?

Eu e o Xocas [bateria] tocamos em grupos de hardcore. O Xocas tocou nos Streetfighters e eu em Fame Neghra, por exemplo. A Roi [baixista] gosta mais da lérica da garagem e é, também, mais moderno. Logo fazemos um termo médio e os três gostamos do ritmo more pop, as guitarras energéticas...

Que implica um grupo de power pop cantando em galego?

A nossa vida desenvolve-se em galego e, nesse sentido, trata-se de umha decisom natural: se a nossa vida se fai em galego, porque a nossa música nom se há de fazer em galego? E eu, que escrevo praticamente todas as letras de The Homens, o idioma que domino é o galego. Sei-no estarricar, sei-no ajustar. Ao cantarmos em galego há gente que nos pom um X em cima – é galego, nom me interessa – e, por outro lado, há quem se chegue ainda que nom lhe interesse especialmente o power pop.

Ressurge a música pop – pop em sentido nom restrito – na Galiza?

Penso que sim, e graças, fundamentalmente, à tecnologia. Há dez anos, quando estava em Fame Neghra, editar um disco era umha odisseia. Endividar-se até as orelhas ou, por um milagre, encontrar quem o levasse à rua. Agora, nós penduramos as cançons na nossa página na rede e, apesar de termos publicado o disco – polo aquele físico do disco, nom é? –, temos essa plataforma que nos está a ajudar



Todos os temas som de The Homens e tenhem copyleft

muito, a todos. De repente, em questom de um ano, aparecem umha mancheia de grupos que excedem o assunto folk e assim normaliza-se que o galego funciona em qualquer tipo de música, dessa gente de Ordes que fai hip-hop e som fantásticos [Dios Ke Te Crew] à electrónica pop de Fanny+Alexander...

Editades os discos com licença copyleft. Chanço prévio a um contrato convencional ou escolha militante?

Para nós é umha opção consciente. Os músicos vivem basicamente dos concertos, nom da venda de discos. Porque a maior parte dos quartos dos cd's leva-os a discográfica. Interessamos que a gente ouça as nossas cançons, que as copie, que as ofereça, que as envie por correio, que faga com elas o que lhes apetece. E eu sempre reivindico o meu direito a ser estúpido e

oferecer as minhas cançons, e nom quero pagar 14% a uns senhores que vam montar em Compostela um pendelho de muito dinheiro para fiscalizar as festas populares, os casamentos, as obras de teatro das escolas...

Para que servem as letras no rock-'n'-roll?

Para que as cante a gente; isso seria fantástico. Ver pessoas que nom conhecemos de nada cantando as nossas cançons é emocionante. Já nom preciso nem de cobrar. De todos os jeitos, afora a nossa intençom de que o público dance, The Homens temos, nas letras, umha posiçom até certo ponto política. Estamos convencidos de que se pode fazer pop de esquerda.

E que é o que há que fazer?

Boas cançons. Nada mais. E nada menos, tampouco.

A CONJUGAR O VERBO SEXUAR

Metacrilato profiláctico

BEATRIZ SANTOS



“Quero-te”, di-nos na praça do Matadouro de Compostela umha placa de metacrilato azul com letras brancas e a grafia “o” mudada em condom. Debaixo: Centro de Assessoramento Afectivo-Sexual para a Mocidade.

Querer: do latim *quaerere* = ‘procurar’. O que ali pode topar quem procure é um futuro incerto porque o que há, por agora, é umha placa e um centro fechado e sem profissionais.

Dita placa mostra coerência com o que seguramente se oferece: expendedor de preservativos, pímulas do dia depois, prevençom, medo e (de)formaçom e (des)informaçom de como “metê-la” com a-efectividade, poupando energia até a depositaçom do sémen num lugar onde já nom se vê: que nom toque em nenhuma parte dos mais de 1’5 m² de pele que tem um corpo. Sobra dizer que os encontros sem cópula nom pintam nada no centro do ‘quero-te’ com condom.

Porém, a coerência radica antes no que possivelmente nom se encontre neste centro:

um sítio onde aprender a satisfazer desejos, a tratar a erótica como um infinito e nom como um ponto fixo (confluência do líquido seminal e o látex), onde se dê importância ao jeito de viver identidades, encontros, negociaçom das eróticas... Para que fai falta se a proposta que se oferece é única?: excitaçom, erecçom, condom, penetraçom, ejaculaçom (sem possibilidade de continuidade nem de saíres do trajeto) para um corpo que seguramente rabeia por ser descoberto, por se descoberto e para o que o “quero-te com condom” deve ser anoréxico, agónico... Isso sim, profiláctica e medicamente recomendado.

“Castanhas do teu assado, nom chas quero, nom chas quero que me cheiram ao torrado.”

ARROZ COM CHÍCHAROS

Acelgas Gratinadas

JOANA PINTO / **Ingredientes** (4 pessoas): 600 g de folhas de acelgas, 1 limom, 3 colheres de sopa de pinhões, 300 g de requeijom de ovelha, 6 colheres de sopa de vinho branco, 50 g de queijo gruyère ralado, sal, pimenta e noz-moscada, 2 colheres de sopa de manteiga

PREPARAÇOM: Prepare as acelgas separando a parte verde dos talos brancos. Lave impecavelmente. Corte os talos em bocados com cerca de 5 cm e depois em palitos. Introduza estes palitos em água a ferver temperada com sal e sumo de limom e deixe cozer

até ficarem estaladiços. Escorra bem e disponha-os num recipiente untado com manteiga e que poda ir ao forno e à mesa. À parte, coza as folhas em água a ferver apenas dous minutos e escorra muito bem. Reduza a puré. Aloure os pinhões numha frigideira untada com azeite.

Bata o requeijom com o vinho, junte o puré de acelgas e os pinhões e tempere com sal, pimenta e noz-moscada. Deite este puré sobre os talos, polvilhe com o queijo ralado e espalhe por cima a manteiga em nozinhas. Leve a gratinar em forno bem quente (250°C).

Livraria A Palavra Perduda
Rua Castanheiros 13 R/C (esquina Pelámos)
15705 – Santiago de Compostela
Telf: 981554045 / Fax: 981554960
E-mail: perduda@interbook.net

libreria couceiro
Cerâmica de Roda
(en gres e porcelana)
Vertosa, Covas
15604 AMES, Galiza
tel: 890 0651
http://mcaamanho.cjb.net

Mando Caamaño Anón
Cerâmica de Roda
(en gres e porcelana)
Vertosa, Covas
15604 AMES, Galiza
tel: 890 0651
http://mcaamanho.cjb.net

Embora
Tras San Fiz de Solovio, 2
15704 Compostela
emboracafe@mixmail.com
GZ
Cafe

caçhan
9 de outubro de 16



DE BASE

Primeira experiência de emissão conjunta de rádios livres em Oleiros

MARIA ÁLVARES / Com motivo do I Festival da Língua, que se realiza no próximo día 20 em Oleiros, as rádios livres que operam no País sairán á rua para ensaiarem a primeira experiência de emissão conjunta.

As rádios operarán em directo num espaço habilitado polo Cámara Municipal de Oleiros, a partir das cinco da tarde e até as dez da noite, participando de maneira activa no festival e emitindo em tempo real para toda a Galiza sobre tudo o que acontecerá no festival. A equipa técnica será cedida durante cinco horas pola rádio de Oleiros e quase todas as rádios livres aderíron já á proposta. Ademais, cada unha dará a conhecer a súa programación semanal, o seu traballo e porán material à venda.



Radio Kalimera será unha das estações presentes na emissão

Os começos da rede

Os primeiros contactos entre as rádios libres do País comezaron no ano 2004 para dar forma à rede galega de emisoras libres e comunitárias. Desta rede fan parte as seis rádios que emitem na Galiza: Rádio Clavi de Lugo, Rádio Kalimera de Compostela, Rádio Cuac da Coruña, Rádio Roncudo de Corne e Rádio Filispim de Ferrrol. Desde entom produzím-nos encontros anuais (o último em Novembro de 2005) com o obxectivo de compartir experiencias e pôr uns puntos de acordo em comum, que se estabeleceron na última reunión. As direccións apontadas no encontro som as seguintes:

As emisoras libres e comunitá-

rias funcionarán de forma libre e igualitária com os seguintes fins:

- Atingir reconhecemento do seu labor social.

- Procurar a dignificación das condicións de emissão e velar polo bem comum.

- Ser unha experiencia aberta a aquelas emisoras libres e comunitárias feitas por e para a Galiza.

Tenta-se a legalización

O mais interessante apontado nos diversos encontros é a ideia de fazerem trocas de programación entre elas, obxectivo que ainda nom se levou a cabo, mas que permitiría cubrir unha grella mais ampla de programación.

Porém, na actualidade, o debate entre as diferentes emisoras centra-se na possibilidade de obter a licença de emissão, unha proposta do novo goberno que legalizaría estas rádios e que já foi ensaiada noutras partes do Estado.

As emisoras que som contra a proposta alegam que se perdería liberdade e autonomia quanto ao modo de agir, entrando em cheio na engrenagem do Estado e tendendo a profissionalización, o que é incompatível com a própria idiossincrasia das rádios libres, que ofrecen unha programación e información anti-sistémica e autogerida.

LÍNGUA NACIONAL

OBRIG-

VALENTIM R. FAGIM

Ultimamente, espoletados pola reforma do Estatuto, os media galegos están a falar da nossa língua. Em LVG líamos em grandes letras "La Xunta avala que el nuevo Estatuto obligue a conocer la lengua gallega". Manchetas similares aparecen noutros jornais e o lexema OBRIG- costuma fazer parte deles. A verdade é que este lexema nom é lá muito simpático e os jornalistas sabem-no. Se o cabeçalho fosse estoutro: "La Xunta avala que en el nuevo Estatuto gallego y castellano se equiparen" o pessoal que lesse a noticia podía até simpatizar com a medida. Ora, nom é essa a intención..

Provavelmente quem ler o Novas nom se deixe enganar mas, como podemos explicar isto às pessoas incomodadas com o lexema OBRIG-? Como podemos fazer-nos entender se o tema surgir num encontro familiar, no café depois do

trabalho ou na cea de ex-alunos e alunas? A meu entender, a um lexema assim há que opor outro similar em força simbólica. Por exemplo JUST-. Ninguém gosta de os seus seres queridos terem menos direitos do que um mesmo; é INJUST-. Aliás, a única forma de nom ter que ouvir numha agência de alugueres, num McDonalds ou num balcão de Caixanova: "Aquí em español. Yo no tengo porque saber gallego" é que tenha a OBRIG- de o saber. Porque, insisto, nem o nosso irmao, nem a colega de trabalho, nem a nossa companheira no liceu se vai sentir cómoda sabendo que ela tem mais direitos do que nós polo facto de falarmos línguas diferentes. Afinal, se duas línguas, (ou duas raças, ou dous géneros) tenhem unha categoria jurídica diferente, as pessoas que as falam também. Portanto, que o galego seja OBRIG- é questom de JUST-.

POLOS OLHOS DE....

PEPE PENABADE, actor

UM LIVRO:

Luz Divina e outros relatos, de Pablo Vaamonde. É um magnífico livro de pequenos relatos da Galiza rural, com os quais todos podemos sentir-nos identificados, pola realidade que se mostra, polo sentimento e polo forte conteúdo sociológico.

UM DISCO:

Torna-Viagem, de Zeca Medeiros. Destaco a canção 'O Cantador', dedicada ao José Afonso.

UM WEB:

<http://www.arredemo.info>. Um espaço de comunicação livre para a cultura alternativa do País.

Premio da Crítica para "A Peneira"

Combina unha edición nacional com várias de carácter comarcal.

REDACÇOM / Vinte e dous anos de jornalismo comprometido em galego fõrom reconhecidos polo júri do Prémio da Crítica-Galiza 2006 de Iniciativas Culturais, ao conceder este ano o galardom ao jornal *A Peneira*, dirigido por Guillermo Rodríguez. Entre os seus méritos, a constante defesa da informação na língua do País e a sua incursom editorial noutros ámbitos da criação e da difusom cultural. O júri também tivo presente o compromisso do jornal ponte-areano com a difusom escolar do jornalismo, e

a promoção dos meios de informação em geral no campo do ensino. *A Peneira* – na opinião do júri – "cumpre, além disso, unha tarefa de promoção das relacións entre a Galiza e o Norte de Portugal, nomeada-mente colaborando no fortalecimento associativo dos 18 concelhos que constituem o Eixo Atlántico". O jornal está radicado em Ponte Areias, mas conta com correspondentes no Baixo Minho, Vale Minhor, Redondela, Monção, Valença, Viana, Porto, Compostela, Madrid e Barcelona.



DESCOBRIR O QUE SABES... por Salva Gomes.

1. Que entendemos por 'greve sem grevistas', inaugurada na Galiza no começo do séc. XX, em conflito laboral?

- Greve sem piquetes
- Os trabalhadores ou trabalhadoras apropriam-se da produção
- Protestos sem parar a produção

2. De que tribo da América do Norte foi chefe Cavalou Louco?

- Sioux - Ogaglas - Cheyence

3. Quando se consolida o 25 de Julho como Dia Nacional da Galiza?

- 1920 - 1925 - 1927

4. Que nome recebe a dor que sente por vezes a mulher durante a cópula?

- Dispepsia - Dispermia - Dispareunia

5. Com quem fai – para além da ETA – a UPG unha declaração conjunta no 1º de Maio de 1975?

- Terra Lliure - IRA - PSAN (p)

6. Em que ano consegue Argélia a independência, na Guerra de Libertação Nacional contra o imperialismo francês?

- 1962 - 1964 - 1966

Soluções :

DESPORTOS

QUATRO EQUIPAS GALEGAS COMPETIAM HÁ DEZ ANOS NA LIGA ASOBAL

O ocaso do andebol de elite galego

XAVIER PAÇOS / Com a descida do Clube Andebol Cangas-Frigoríficos do Morraço à Divisom de Honra B, a Galiza perde o seu último representante na categoria de ouro do andebol estatal. Apenas há dez anos, o nosso país era potência mundial de andebol.

Na conhecida como a melhor liga do mundo, a Liga ASOBAL, o nosso país contava naquela altura com quatro equipas na Divisom de Honra. É bem certo que praticamente não havia jogadores galegos nestas equipas, mas ainda sentimos orgulho quando lembramos que à volta da ria de Vigo e de Ponte Vedra, num contorno não superior aos 25 quilómetros, quatro equipas, o Academia Pilotes Posada de Vigo, o Clube Andebol de Chapela, Frigoríficos do Morraço e o Teucro de Ponte Vedra, portavam a bandeira do desporto galego com notáveis resultados.

Historicamente, a equipa mais importante do andebol galego foi a Sociedade Desportiva Teucro, fundada no remoto ano 1945. Em seguida, ficou claro que a sua secção de andebol era a mais potente e competitiva da Sociedade. Em 1973 o Teucro subiu pela primeira vez à Divisom de Honra do andebol estatal, categoria em que se manteve durante três anos.

A equipa ponte-vedresa perderia o seu posto na máxima categoria até recuperá-lo na época 1984/85, em que voltaria a descer. Mas os melhores anos para o Teucro ainda estavam por chegar. Em 1989, o Teucro sobe novamente à Divisom de Honra, categoria em que se ia manter até 1997. Nesses anos o Teucro saboreou a glória com os êxitos na Taça Estatal, na qual foi semifinalista em 1993, e com a sua primeira participação em competições europeias na época 1994/95. Com o menor orçamento da categoria, o Teucro desce em 1998, mas volta a competir na Divisom de Honra nas épocas 1998/99, 1999/2000 e 2001/02, 2002/03 e 2003/04.

Junto com o Teucro, a Academia Octávio de Vigo foi a outra grande equipa do andebol galego. Foi em meados dos anos



Com a descida do Clube Andebol Cangas-Frigoríficos do Morraço à Divisom de Honra B, a Galiza perde o seu último representante na categoria de ouro do andebol estatal

noventa quando atingiu os seus maiores êxitos com a participação na fase final da Taça ASOBAL e em competições europeias. Hoje em dia, a Academia Octávio joga na Divisom de Honra B, na qual luta por voltar à elite cada ano. Porém, a sua trajectória histórica e o seu magnífico trabalho polo andebol fica aí. Polas suas escolas passáram, ao longo de muitíssimos anos, milhares de moços e moças vieguesas e galegas que viviam o andebol como um dos desportos mais praticados na cidade olívica. Não é por acaso que a sede da Federação Galega de Andebol se encontra em Vigo. No nosso país há 4628 licenças neste desporto, sem se contabilizar o andebol escolar. A maioria das principais equipas da demarcação provincial de Ponte Vedra localizam-se no eixo Vigo-Morraço-Redondela-Ponte Vedra.

Por enquanto, as outras equipas da ria de Vigo também acompanharam o Teucro e a Academia Octávio no caminho de volta. O primeiro foi o modestíssimo Andebol Chapela. Para a história ficam os memoráveis derbys no também modesto mas barulhento pavilhão desportivo de Chapela. A equipa redondelana joga hoje na Primeira Divisom estatal, a

Junto com o Teucro, a Academia Octávio de Vigo foi a outra grande equipa galega. Em meados dos anos noventa atingiu os seus maiores êxitos com a participação na fase final da Taça ASOBAL

categoria equivalente à segunda B do futebol. Neste mês de Maio, com a descida do Frigoríficos do Morraço consumou-se com certeza o declínio do andebol galego de elite. A equipa canguesa foi fundada por um grupo de amigos em 1960. As primeiras partidas eram jogadas nas ruas da vila cortadas ao trânsito e habilitadas cada fim-de-semana depois de pintar com umha broxa as linhas do campo. Seria no campo do Gatanhal onde o Frigoríficos do Morraço subiria à Divisom de Honra em 1995, categoria em que se manteve até este ano.

OPINIÃO

Debuta galego numha competiçom internacional de triatlo: selecçom nacional?

ANXO RUANOVA

AS TRIATLETAS E OS TRIATLETAS GALEGOS PORTAVAM OS RÓTULOS IDENTIFICATIVOS E DORSAIS COM A BANDEIRA ESPANHOLA. OS PONTOS QUE CONSEGUÍROM FÔROM ENGRESSAR A VITRINA DE ESPANHA, TAL E COMO SE DISPOM NAS NORMAS DA ITU. A ACTUAÇÃO DA SELECÇOM GALEGA NESTA PROVA NOM FOI TAM 'REVOLUCIONÁRIA' OU 'RUPTURISTA' COMO ALGUNS MEIOS E SECTORES AFIRMAVAM

No passado dia 23 de Abril produziu-se, na localidade portuguesa do Estoril, o debut internacional da Selecçom Galega de Triatlo, numha prova oficial do calendário internacional, a primeira prova pontuável da Taça da Europa de Triatlo. À estreia acudiam cinco triatletas defendendo as cores da Galiza: Xavier Gómez Noia, Saleta Castro, Alberte Trillo, Aida Valiño e David Castro, se bem que este último não tomase a saída. No plano desportivo, a jornada foi um êxito para os nossos e as nossas triatletas, que estão de parabéns. Gómez Noia conseguia a vitória na prova, impondo-se a triatletas que representavam Portugal, França, Espanha ou Hungria. Trillo, na que era também a sua primeira competiçom internacional, finalizou no posto 42. Na categoria feminina, Aida obteve um mérito 15º lugar, e Saleta teve que conformar-se com o posto 22º. Tudo isto demonstra, efectivamente, como a Galiza é umha potência mundial no triatlo, um facto que cada vez orgulha mais galegos e galegas. Mas, apesar da satisfação de podermos ver os e as triatletas galegos a competir com as cores da Galiza num campeonato desportivo internacional de triatlo, o panorama muda consideravelmente se analisado em pormenor, vendo-se como nem tudo o que brilha é ouro. A Selecçom Galega de Triatlo participou na prova amparando-se na vigente normativa da ITU (Internacional Triathlon Union-Federaçom Internacional de Triatlo) e depois de ter obtido o beneplácito da Fetri (Federaçom Espanhola de Triatlo), entre outras

instituições que, aliás, velárom por um estrito cumprimento da vigente Lei do Desporto. Mesmo assim, há que dizer que numha prova da Taça da Europa de Triatlo pode participar qualquer triatleta que, após a obtençom da autorizaçom da organizaçom do evento, realize o pagamento da inscriçom. Ainda, se acrescentarmos que as triatletas e os triatletas galegos portavam os rótulos identificativos e dorsais com a bandeira espanhola, e que os pontos que conseguírom fôrom engrossar a vitrina de Espanha, tal e como se dispom nas normas da ITU, veremos que a actuaçom da Selecçom Galega nesta prova nom foi tam 'revolucionária' ou 'rupturista' como em alguns meios e sectores se afirmava, já que a participaçom do combinado galego, pode-se dizer, nom foi mais do que nominal, e reduziu-se a competir com umha camisola em que se podia ler 'Galicia', pois nem tam sequer como equipa obteve reconhecimento. Ainda que seja certo que a Direcçom Geral para o Desporto teve o mérito de apostar na criaçom da Selecçom Galega de Triatlo, seguindo as disposiçom legais actuais, permitindo que esta competisse fora das fronteiras estatais, guardamos que o projecto nom fique nisto e continue a crescer, para que com o esforço de todos e de todas se continuem a somar forças até lograr a consecuçom de umha Selecçom Nacional Galega, e que como tal, a Galiza, como naçom, possa participar, com totais garantias nas competiçom internacionais, e já nom só em Taças: também nos Campeonatos da Europa, do Mundo e nas Olimpíadas.



| XURXO SOUTO | MÚSICO E CHEFE DE PROGRAMAS DA RÁDIO GALEGA |

“Os nossos pais andavam polo mundo levando a forza do traballo, e agora começamos a levar a forza da cultura”

SOLE REI / Licenciado en Filosofía, músico pioneiro do rock bravu, escritor, actor, guionista... Nom é fácil fazer apontamentos nem definir de maneira sintética a trajectória profesional de Xurxo Souto, actual chefe de programas da Rádio Galega. Talvez ele preferisse, simplemente, ser chamado artista... artista galego, claro.

- Tens experiencia no mundo da música, da literatura, como guionista, na rádio... Em qual destes ámbitos é mais difícil ir andando?

- Todos os campos som bastante complicados. A situación laboral em qualquer um destes lugares é complexa. Talvez nom seja casualidade que tivesse que fazer cousas tam diferentes. Nom poderia fazer umha comparación, mas do que se trata é de tentar optar sempre polo ámbito da comunicación e de expresar-se.

- Ultimamente están a surgir propostas musicais com letras em galego de estilos mui diversos e tradicionalmente pouco explorados. Como valorizas essa diversidade?

- Penso que havia umha série de tópicos intereseiros que pretendiam transmitir ideas falsas, como que o galego nom servia para o rock-and-roll, que a música galega era sinónimo de folk... como em todos os tópicos, havia umha ideologia por detrás que

consistia em considerar o galego como língua e questom menor, limitada a campos em que nom incomodava. Agora está-se a demostrar que, quando os meios apoiam estas criaçoms, estoura umha variedade fecunda.

- Pensas que o copyleft e as descargas através da Internet som umha boa maneira de dar a conhecer estes novos grupos?

- Os artistas aspiram a que a sua música se comunique e se divulgue. Está bem que existam direitos de autoria e que sejam respeitados para quem quier acolher-se a eles, mas para os grupos que temem dificuldades de comunicação polas vias convencionais, isto é totalmente maravilhoso. E a cultura galega, que estivo condenada à hipermarginalização, precisa de ser copiada e divulgada o máximo possível.

- O programa que diriges na Rádio Galega vai nessa linha...

- A rádio pública galega surge numha lei em que figura, no seu

artigo número um, a promoção da língua galega. Isso é elementar, e o que chamava a atençom é que até o momento nom existisse um programa assim.

- Como chefe de programas da Rádio Galega, quais som os objectivos que achas preciso atingir?

- Queremos converter a Rádio Galega no referente fundamental da vida, da cultura e da criatividade do nosso país. Nós temos que ser esse referente que articule no âmbito da cultura e da informaçom. Havia, e ainda persistem, umha série de usos, hábitos e inércias que estavam consolidados após 16 anos, e o que queremos é que se poda introducir na rádio a força da vida: ir superando esse desencontro entre a realidade e o que aparecia na rádio, para que, quem tiver cousas a dizer, vaia irrompendo na emissora.

- Desde a mudança de governo, a continuidade do Luar na TVG foi mui questionada. Tu trabalhasse como guionista, qual pensas que pode ser o valor que determine a sua permanência?

- Nom tenho que defender o Luar agora, mas eu tive experiencias positivas e negativas, e há elementos positivos que mar-

cam um estilo. No Luar vim umha auténtica revoluçom de dignidade. Quando começom a aparecer as pandeireteiras, no princípio, estavam carregadas de timidez, mas quando se vírom no cenário, com a mesma iluminaçom que Miguel Bosé, por exemplo, pugérom-se crechas, e passamos de ter problemas para apresentar músicas populares a que toda a gente soubesse cantar e tocar, e esvaeceu o tópicos de que o povo galego nom era divertido. E claro que nom podíamos ser, umha vez que a primeira condiçom que nos punham para subirmos a um palco era mudarmos de língua. Quando nos dam a oportunidade surge toda essa criatividade. Os nossos pais andavam polo mundo levando a força do traballo, e agora estamos a começar a levar a força da nossa cultura.

- Que opinas dos acontecimentos referentes à reduçom da programação em galego no centro territorial da TVE?

- Umha televisom estatal pública, na medida em que limita a programação numha língua do Estado e vai minguando a capacidade de produzir aqui, na própria Galiza, está a incumprir o seu projecto e falhando ao que deve ser um meio público estatal.

A pequena cultura

◆
PAULA CARBALLEIRA
◆

A pequena cultura, evidentemente, nom se escreve com maiúsculas. É a cultura marginal, a irmã feia a que ninguém presta atençom.

A pequena cultura nunca ocupa as capas dos jornais, nem é notícia na televisom.

A pequena cultura é discreta, trabalha em silêncio, em qualquer lugar, e pode mover montanhas.

A pequena cultura nom quer prémios nem reconhecimentos. É umha idealista, vai à procura do que considera importante e, sobretudo, necessário.

Á pequena cultura, dá-lhe igual quem esteja no poder ou quem reparta os quartos. Alguns olharam-na de riba, com desprezo, outros darám-lhe palmadinhas nas costas; as excepçoms que confirmam a regra reivindicarám-na.

A pequena cultura nom tem nomes próprios, tem constância, paciência e todo o tempo do mundo.

A pequena cultura é formada por pequenas pessoas das quais nem nos decatamos que existem, das quais pensamos que som medíocres porque nom nos deslumbram com o seu talento nem com a sua inteligência. E ainda que as pessoas morram, a sua pequena cultura vai ficar em herança e nom morrerá jamais.

A pequena cultura valoriza as pequenas cousas e preocupa-se com as grandes cousas, mas nom engrandece as cousas insignificantes. Já tem muito que atender.

A pequena cultura é tam independente que molesta a quem quer que sejamos sempre dependentes.

A pequena cultura nom vai desaparecer por muito que seja ignorada.

A pequena cultura lembramos o que somos, de onde vimos e para onde imos.

Por isso é perigosa.

Por isso é revolucionária.